

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**

FERNANDA BUSIQUIA BRITO

**RITOS, CERIMÔNIAS E DOMINAÇÃO:
UMA ANÁLISE DA SÉRIE *THE HANDMAID'S TALE***

**GUARULHOS
2020**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**

FERNANDA BUSIQUIA BRITO

Ritos, Cerimônias e dominação:
Uma análise da série *The Handmaid's Tale*

Trabalho de conclusão de curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do título
de Bacharel em Ciências Sociais à
Universidade Federal de São Paulo
Área de concentração: Sociologia
Orientador: Prof. Dr. Mauro Luiz Rovai

**GUARULHOS
2020**

Na qualidade de titular dos direitos autorais, em consonância com a Lei de direitos autorais nº 9610/98, autorizo a publicação livre e gratuita desse trabalho no Repositório Institucional da UNIFESP ou em outro meio eletrônico da instituição, sem qualquer ressarcimento dos direitos autorais para leitura, impressão e/ou download em meio eletrônico para fins de divulgação intelectual, desde que citada a fonte.

Busiquia Brito, Fernanda

Ritos, cerimônias e dominação: Uma análise da série *The Handmaid's Tale*
Fernanda Busiquia Brito. – 2020. – 61 f.

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Ciências Sociais). –
Guarulhos : Universidade Federal de São Paulo. Escola de Filosofia, Letras e
Ciências Humanas.

Orientador: Profº Drº Mauro Luiz Rovai.

Título em Português: Ritos, cerimônias e dominação: Uma análise da série
The Handmaid's Tale.

1. Sociologia. 2. Cinema. 3. *The Handmaid's Tale*. 4. Gênero. 5. Ritos e
Cerimônias.

FERNANDA BUSIQUIA BRITO
RITOS CERIMÔNIAS E DOMINAÇÃO:
Uma análise da série *The Handmaid's Tale*

Trabalho de conclusão de curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do título
de Bacharel em Ciências Sociais
Universidade Federal de São Paulo
Área de concentração: Sociologia

Aprovação: 24 de Outubro de 2020.

Prof. Dr. Mauro Luiz Rovai
Universidade Federal de São Paulo: Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Prof^a. Dr^a. Ana Lúcia de Freitas Teixeira
Universidade Federal de São Paulo: Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

AGRADECIMENTOS

A minha mãe, por ser meu primeiro exemplo de força, positividade e determinação.

Ao meu orientador, pelos conselhos e dedicação, principalmente na conclusão desse trabalho.

A todo corpo docente do campus Guarulhos.

Aos meus amigos, por todos os momentos de alegrias e tristezas que partilhamos e que foram de tamanha transformação.

“Nolite te bastardes carborundorum”
Margaret Atwood

RESUMO

Esse trabalho objetiva investigar e discutir como está construída a relação de dominação entre gêneros no seriado "The Handmaid's Tale" (2017- 1ª temporada) dando particular destaque ao modo que essa dominação aparece articulada à questão de ritos e cerimônias, proeminentes em sequências importantes durante os episódios. A maneira que estão sistematizados os ritos e cerimônias é interessante em virtude do seriado abordar a ascensão de uma nova forma de poder a priori identificada como totalitária. Dado que, na trama, a função da reprodução está em primeiro plano em virtude da queda considerável do número de nascimentos por conta das taxas elevadas de radiação e de doenças sexualmente transmissíveis, o discurso sobre os corpos, em particular o feminino, é fortemente religioso. Em vista disso, a hierarquização entre os indivíduos e a dominação do sexo masculino são elementos fundamentais para a compreensão do papel da mulher nesta nova sociedade, bem como para apontar algumas correlações com o que estamos vivendo contemporaneamente. Do ponto de vista metodológico, a análise privilegiara o estudo das imagens, levando em conta como os sons, cores, silêncio etc. operam conjuntos significativos que, com as ferramentas da sociologia do audiovisual, nos permitem caracterizar o sistema de relações que envolvem a personagem principal.

Palavras-chave: Sociologia, Cinema, The Handmaid's Tale, Gênero, Ritos e Cerimônias.

ABSTRACT

This work proposes to investigate and discuss how the relationship of domination between genders is constructed in the series "The Handmaid's Tale" (2017- 1st season) giving particular emphasis to how this domination is conducted and articulated to the rites and ceremonies in prominent important sequences of episodes. The manner that the rites and ceremonies are systematized is very remarkable, because the series addresses the rise of a new form of power, identified as totalitarian. Therefore, in this scenario, the function of reproduction is in the foreground due to the decrease of the number of births, in reason of the high rates of radiation and sexually transmitted diseases. The discourse about the body, in particular the female one, is strongly religious. Fundamental elements for understanding of the role of women in this new society, are pointed out with some correlations about the current timeline. Making a methodological point of view, an analysis will privilege the study of images, taking into account how the sound, silence, colors etc. operate with the tools of the audiovisual sociology, that allow us to characterize the system of relationships that involve the main character.

Keywords: Sociology, Cinema, The Handmaid's Tale, Gender, Rites and Ceremonies.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 BEM-VINDO À REPÚBLICA DE GILEAD	12
1.1 GILEAD COMO DISTOPIA	13
1.2 GRUPOS SOCIAIS	14
1.3 PODER E DOMINAÇÃO	19
1.4 ESTADO TOTALITÁRIO E GILEAD	24
1.5 GÊNERO	26
1.6 A MEMÓRIA E O <i>FLASH-BACK</i>	32
2 RITOS E CERIMÔNIAS	37
2.1 DOCTRINAÇÃO	38
2.2 MELODIA	40
2.3 PREPARAÇÃO PARA A CERIMÔNIA	41
2.4 O ATO	42
2.5 O NASCIMENTO	44
2.6 O MARKETING	45
2.7 A RESISTÊNCIA	46
2.8 ESTADOS UNIDOS	49
2.9 MAY-DAY	50
CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS	56

INTRODUÇÃO

Ritos e cerimônias há muito tempo vem sendo objeto de estudo, principalmente no que se refere a sociedades rotuladas como “primitivas”, um ato que envolve determinado grupo social, símbolos e elementos, utilizados por indivíduos que possui relação com a língua crença e Cultura. Por intermédio dos rituais é possível compreender a vida social, sua organização e hierarquia, seja impulsionado por motivações coletivas ou individuais. Segundo Martine Segalen (2002) os ritos contam com o auxílio do suporte corporal a qual abrange o gestual, verbal e a postura. Contextualizando uma série de repetições e simbologias com os participantes do ato e ou suas testemunhas, dotado de um caráter social de relevância. No entendimento de Marcel Mauss (1974) os rituais abrangem atos baseados na tradição, não sendo necessária uma solenidade para ser praticado, mas deve haver repetição e crença; a qual “a eficácia dos ritos e a da arte não são distinguidas e sim pensadas em conjunto” (1974, p. 49).

Dito isso, nos impulsiona o interesse de investigar e identificar como uma nova forma de poder consegue se estruturar e validar seus discursos em rituais desempenhados em determinada sociedade que, na trama assistida sofre com baixos números de nascimento, altas taxas de radiação e doenças sexualmente transmissíveis. Tais acontecimentos levaram a hierarquização dos indivíduos, como se vê na primeira temporada do seriado¹ *The Handmaid's Tale* – qualificado como distopia² - ao elaborar um cenário distinto do vivenciado atualmente. A trama mobiliza aspectos como ritos e cerimônias, ascensão e queda de grupos do poder e a construção da figura feminina (reduzida ao seu aspecto biológico básico, engravidar e ter filhos).

Nossa análise ocorrerá sob a perspectiva da personagem principal com base em seu posicionamento no recorte escolhido. Os rituais são apresentados através de sua participação, ressaltando sua conexão, em especial, com o cerimonial que acreditamos estruturar essa realidade. June Osborne desempenha o papel de aia³, sua função será participar de cerimônias para gerar uma criança a seu comandante e sua esposa⁴. O principal ato cerimonial se baseia

¹A série é uma adaptação do livro homônimo lançado em 1985, pela escritora canadense Margaret Atwood, seus direitos foram adquiridos pela empresa Hulu, responsável por ofertar serviço/s por assinatura online nos Estados Unidos e Japão. A empresa agora faz parte do serviço de streaming da Disney.

²O assunto será abordado no primeiro capítulo.

³ Aia ou *Handmaid* (serva) é a nomenclatura dada às mulheres que são submetidas aos cerimoniais que serão estudados.

⁴ Nem todos os comandantes possuem aias, apenas os que ainda não são pais.

nos escritos bíblicos⁵, a qual Raquel que não engravidava ofereceu sua serva para que desse à luz sob seus joelhos, assim também seria agraciada com filhos. Seu nome anterior a República de Gilead foi esquecido, agora sendo identificada pelo nome do seu mestre, enquanto residir em sua casa: Offred⁶.

A República de Gilead estrutura sua propaganda de Estado na argumentação da calamidade social resultar do castigo divino pela devassidão dos homens, a qual Deus só voltará a conceder a humanidade novos nascimentos caso ocorra à purificação social. Desse modo, o papel masculino nessa sociedade aparenta operar como instrumento divino; os homens do alto comando incumbidos de reverter os pecados sociais para que Deus volte a agraciá-los com bebês. Não é possível expor todos os papéis do gênero nesse conjunto, porém dentro do nosso recorte de pesquisa é perceptível a existência da hierarquia entre os homens, sendo as mulheres submissas a eles (além de uma hierarquia geral, existe aquelas reservadas a cada grupo social).

A síntese sobre o contexto da obra é necessária para identificação dos campos teóricos, além do intenso estudo das imagens que de acordo com o entendimento de Pierre Sorlin, “*el filme no descubre la realidad, sino diversas transposiciones de la realidad.*” (1985, p.220). Ou seja, não podemos aceitar simplesmente o que está posto na imagem, sendo essencial investigar não apenas o que os diálogos sugerem, mas como estão construídos, ao lado de outros elementos expressivos: imagem, tomada de câmera, música, cores etc. Um filme, nas palavras de Sorlin é um produtor de sentidos e cada produto é composto por singularidades, assim nossa pergunta abrange a construção dos conjuntos significativos, que “*no se tratará de proponer lecturas o interpretaciones: pero reconocer que no todo es límpido, que hay un sentido más allá de lo acessible a nuestros medios ordinarios de investigación.*” (1985, p.226), de modo que, através da análise fílmica é possível ler essa sociedade e por intermédio da investigação, sua construção; indo além da linguagem – a qual para muitos é o caminho a percorrer para se descobrir o não explícito. É inegável que as imagens cercam os indivíduos e no decorrer do tempo elas também expressam as transformações sociais ou determinada ideologia, por aquele que a produz ou a dirige, assim, as imagens são acompanhadas por símbolos e valores, ou seja, existe uma idealização por trás de cada frame, montagem, etc. que

⁵ “Raquel, vendo que não dava filhos a Jacó, teve inveja de sua irmã:” Dá-me filhos, disse ela ao seu marido, senão eu morro!”. E Jacó irritou-se contra ela. “Acaso, disse ele, posso eu pôr-me no lugar de Deus que te recusou a fecundidade?” Ela respondeu: “Eis minha serva Bala: toma-a. Que ela dê a luz sobre os meus joelhos e assim por ela, terei também filhos.” Deu-lhe pois, por mulher sua escrava Bala, da qual se deu à luz à Jacó.” (Gênesis 30:1-5, 1978, p.77)

⁶De Fred.

possui vínculos sociais e psíquicos. Entender isso vai além de acompanhar a “linguagem escrita”. Distanciando-nos do habitual abre-se uma gama de interpretações, e em seu conjunto, por fim, desperta sentimentos distintos. Em suma, a imagem é nosso ponto de partida, dotada de valor; através de sua análise é passível a problematização com o contexto social, questionada por nossas indagações animadas pelo material bibliográfico.

No primeiro capítulo após preencher algumas lacunas sobre partes do novo contexto social - o início do processo até a instauração de Gilead -, faz-se necessário abrir um parêntese e direcionar o entendimento sobre a série ser ou não uma distopia, especificamente após ser nomeada como uma; o termo precisa ser discutido antes das demais análises. Em continuação, de fato mergulhamos em Gilead, nos grupos sociais - conceituado como castas para alguns indivíduos - apresentando os personagens, e os conjuntos componentes dessa estrutura social que os hierarquiza e os separa conforme suas vontades.

Contudo, a vontade não é o bastante para exercer essa força sobre uma sociedade, o poder revela como alcança êxito e domina os grupos sociais. Nesse caso, o estudo de Michel Foucault, em particular, será a nossa primeira base para compreender como o poder atua em Gilead, ou melhor, como consegue conduzir as relações para determinados objetivos. Logo, será necessário estudar a relação de poder e sexo, e não aceitar por dedução o poder como resultado disso. Esse estilo de governo regula a sociedade com a aplicação e o impacto do poder político sobre os aspectos da vida humana, ou seja, mecanismos de poder que conseguem regular o social como uma polícia do sexo que instaura um instrumento disciplinador. Isso se relaciona com o surgimento de uma economia política que se soma ao caráter biológico, originando discursos sobre o sexo que conseguem disciplinar os corpos. Ademais, no campo que questiona a temática política da obra é imprescindível identificar se a forma que esse tipo de poder se expressa está estruturada nos moldes do totalitarismo. Em seguida abordaremos o papel do gênero, apontando como ambos os sexos são submetidos às determinações dessa nova forma de poder, em proporções distintas.

O segundo capítulo faz-se vital visto que determinar a forma de governo dessa sociedade não é o bastante para responder nossas indagações. Para isso, é indispensável investigar a motivação dos rituais e sua importância para manter a coesão social, a partir do que pensa Mauss (2003) em sua teoria de ritos e do sagrado. Contudo, nossa atenção tem como foco as imagens, nesse momento o recorte escolhido será estudado com início na doutrinação, na preparação para cerimônia e o ato. Ainda assim, o evento do nascimento será observado e descrito. Por fim, antes de nossa conclusão discorrerei sobre fragmentos

importantes do que identifico como resistência, da personagem principal e da situação dos confrontos em Gilead.

O seriado é um meio para que coloquemos algumas questões do modo como a sociedade está organizada, aproveitando o fato desse produto cultural ser atualmente disponibilizado em plataformas tecnológicas que atingem grande número de pessoas, com uma nova roupagem social, cultural ou política. A indagação contida nessa introdução pode ser resumida no questionamento sobre o tamanho da diferença entre o cenário a ser estudado e a sociedade que conhecemos; é possível que o estranhamento despertado pelo produto advenha de questões presentes a qual não conseguimos mensurar, porém, em algum momento vivenciamos ou tememos vivenciar?

1 BEM-VINDO À REPÚBLICA DE GILEAD

A transição do presidencialismo para a República de Gilead não apresenta ao espectador datas⁷, decerto por não almejar rotular ou enquadrar a série em determinada linha de tempo, para suscitar o questionamento sobre a repetição da história ou sua provável existência na contemporaneidade. É nítida a extinção das formas de governo anterior com a suspensão da Constituição vigente e a aniquilação do então presidente e do congresso. A priori, a argumentação se baseia na segurança de uma sociedade ameaçada com o avanço de uma provável guerra; medidas temporárias são instauradas: meios de comunicação censurados e encerrados, mulheres são demitidas de suas funções e suas contas bancárias interditadas com a liberação sob a tutela do sexo masculino (o sexo feminino não pode possuir bens). O exército é substituído por outro tipo de poder armado, barreiras são instaladas nas estradas com a passagem autorizada apenas por liberações de passes; crianças começam a desaparecer a caminho das escolas.

Não é possível determinar como funciona o sistema financeiro nessa sociedade, apenas vislumbramos antes da reformulação a existência dos bancos, cartão de crédito e a forma capitalista considerada como dinheiro, porém após a instauração do novo poder é perceptível a exclusão desses mecanismos - sem deixar nítido como as relações de comércio se sustentam além da disseminação e propaganda do “sucesso” com as aias – sendo trocados por ilustrações em vales que correspondem a cada mercadoria adquirida no mercado. As fachadas de lojas também são modificadas por ilustrações como forma de evitar qualquer tentação, ficando abertas apenas quando tiverem produtos para comercializar.

Gilead a princípio se estrutura nas palavras bíblicas⁸ a qual mulheres em idade fértil ou que já foram mães e não sendo casadas – ou em relações que não envolvem o primeiro casamento - são designadas pelo novo poder, como “*handmaid’s*”. Sua atribuição é ser submetida a cerimônias por seus comandantes e suas esposas com o objetivo de engravidarem. O então ato cerimonial⁹ consiste, em resumo, no momento da penetração realizado pelo comandante, a qual, a esposa segura os pulsos da aia, em um sinal de mesmo receptáculo, na tentativa de uma equivalência aos preceitos bíblicos.

⁷ No primeiro episódio da segunda temporada uma reportagem cita os atentados “terroristas” como o ataque mais mortal desde 11 de setembro de 2001.

⁸ Iremos abordar com maior cuidado no segundo capítulo.

⁹ Será analisado no segundo capítulo.

A menstruação para uma aia significa insucesso no papel que desempenha, afinal, nessa sociedade existe as mulheres estéreis e as provedoras (ou fecundas) - perante a lei não existe a palavra estéril no que se refere aos homens. Em caso de sucesso e o avanço da gestação, as grávidas no momento do nascimento da criança não dispõem dos avanços da medicina: drogas, indução do parto, anestésias, cortes ou costuras, visto que são considerados prejudiciais para o bebê. As crianças que conseguem nascer são amamentadas pela aia por alguns meses, pois a crença no poder do leite materno ainda persiste. Mas após esse período a aia será designada a outra casa, para outro comandante. Sua recompensa em ser uma provedora é não ser rotulada como uma não mulher ou ser enviada para as colônias.¹⁰

1.1 GILEAD COMO DISTOPIA

A partir do momento em que um produto, a série, é divulgado nos parâmetros de utopia, anti-utopia ou distopia é importante cientificar as condições do uso dos termos. De acordo com Fátima Vieira (2010), a expressão - distopia – foi mencionada pela primeira vez em 1868 por John Stuart Mill, como oposto a utopia, no sentido de: embora a utopia seja boa demais para ser praticada, a distopia seria ruim demais para também ser praticada. Conforme as palavras da autora:

The Idea of ‘utopia gone wrong’ was not naturally. Born then, though: from time immemorial people have thought about the possibility of the construction of a better world, but they have also been aware of the like lihood of a future which might be worse than the present. As in the case of utopia, the concept of dystopia preceded the invention of the world. (VIEIRA, 2010, p.16)¹¹

A narrativa de Mill prevaleceu e a distopia passou a ser construída em circunstâncias imaginárias, sendo pormenorizada e enigmática, completamente longe da idealização da perfeição humana. Esse cenário imaginário não é algo real, “*a possibility that they have to learn to avoid.*” (2010, p.17)¹², ou seja, existe a esperança para que o mundo os evite, por isso, as distopias são necessárias. Contudo, a distopia possui uma ligação com a história real:

¹⁰As colônias são lugares com alta concentração de radiação e ambiente de serviços árduos, a qual mulheres são designadas para coletar os detritos químicos. Sabe-se que a água é contaminada com E.coli (*Escherichia coli*), causando infecções intestinais no trato digestivo e urinário.

¹¹“A ideia de "utopia que deu errado" não era natural. Nasceu então: desde tempos imemoriais as pessoas pensam na possibilidade da construção de um mundo melhor, mas também têm consciência da probabilidade de um futuro que pode ser pior do que o presente. Como no caso da utopia, o conceito de distopia precedeu a invenção do mundo.” (Livres Tradução).

¹²“apenas uma possibilidade que se deve aprender/estudar para evitar.” (Livres Tradução).

Two ideas, which are intimately connected, have fed dystopian discourse: on the one hand, the Idea of totalitarianism; on the other hand, the Idea of scientific and technological progress which, instead of impelling humanity to prosper, has sometimes been instrumental in the establishment of dictatorships. (VIEIRA, 2010, p.18)¹³

O universo distópico para Coral Ann Howells (2006) é uma forma de sinalizar o perigo, com avisos que implicam que ainda existe saída para a narrativa elaborada. Considera-se que a distopia parta de uma crítica social, de problemas que caso não corrigidos pode ter efeitos catastróficos.

Entretanto, o que pode ser considerado a distopia de uns é a idealização de utopia para outros. Por esse motivo alguns autores não concordam que a distopia seja o oposto da utopia, nesses termos a distopia se encaixa no sentido de uma utopia para determinado grupo social. De acordo com Gordin, Tilley e Prakash, *“every utopia always comes with its implied dystopia — whether the dystopia of the status quo, which the utopia is engineered to address, or a dystopia found in the way this specific utopia corrupts itself in practice.”* (2010, p.2)¹⁴.

A idealização de um cenário não acompanha o êxito nos resultados, há distintas possibilidades do sonho se tornar um pesadelo. Por suposição, a natureza de Gilead foi iniciada com objetivos “genuínos” para alguns indivíduos, como um sonho para libertação do cenário calamitoso.

1.2 GRUPOS SOCIAIS

A primeira temporada apresenta a personagem principal no que podemos considerar a “atualidade”, mas faz uso do recurso dos *flash-backs* para auxiliar na “construção” do passado.

Offred: Até então é sabido que seu nome era June Osborne, 34 anos, 1,60m de altura e 54,4 kg. É originária do Brooklyn; uma mulher de qualificação universitária que trabalhava como assistente de editora. Até a chegada na casa do comandante, no primeiro episódio, delimita-se uma linha de 02 meses da personagem na condição de aia, sendo a sua segunda residência (o segundo comandante).

¹³ “Duas ideias, que estão intimamente ligadas, alimentaram o discurso distópico: por um lado, a Ideia do totalitarismo; por outro, a Ideia do progresso científico e tecnológico que, em vez de impulsionar a humanidade a prosperar, foi por vezes instrumental para o estabelecimento de ditaduras.” (Livre Tradução).

¹⁴ “Toda utopia sempre vem com sua distopia implícita - seja a distopia do status quo, para a qual a utopia foi projetada, ou uma distopia encontrada na forma como essa utopia específica se corrompe na prática.” (Livre Tradução).

No cenário a qual June é introduzida, uma nova doutrinação é iniciada e deve ser seguida. Como parte das aias, a primeira lição é a da união: as aias e o grupo das esposas no momento do ritual “almejam” o mesmo feito, a gravidez. Assim, não existe espaço para vaidades ou distrações. Em Gilead seus corpos são entendidos como sagrados, as vestes devem esconder sua estrutura física e o cabelo, formando um espaço impenetrável, além de determinar seu papel no âmbito social; nada deve relacioná-las com o pecado, que comprometeria seu destino. O objetivo é distanciá-las do vulgar; nesse sentido elas sempre andam em duplas ou supervisionadas por outra mulher.

Um dos aspectos que se destaca na imagem é a cor dos trajes dessas mulheres: o vermelho. Uma cor viva e visível entre um cenário cinza/opaco ou quando em contraste com o amarelo. Suas vestes são como um uniforme que constantemente às lembra do seu papel na sociedade, assim como todos os demais¹⁵. Na história não temos menção do motivo da cor vermelha, porém é possível a dedução com base em alguns conceitos. No imaginário que prevalece e se sustenta a cor possui associação ambígua entre a paixão, amor, vida, sangue, dominação, raiva, fervor religioso e rebelião. A cor para Rudolf Arnheim, “é excitante porque nos faz lembrar fogo, sangue e revolução.” (2002, p.358). Na bíblia o sangue remete a purificação dos impuros, como algo “sujo” vindo das mulheres. Menciona-se o uso de roupas na cor vermelha em Roma e na China como forma de prevenção de doenças. Na mitologia grega como a representação de amor e sacrifício. Ou como espírito da luta e guerra por sua relação com o planeta Marte.

É uma cor extremamente intensa no cenário visionado de Gilead, em especial ao relacionar com uma “mercadoria” valiosa para essa sociedade, sua escolha não implica apenas no simbolismo do sangue, força ou quaisquer outras, mas para identificação de todos os seus membros, que veem em suas figuras propósitos maiores. Além de ser uma cor que em movimento se destaca e se localiza com maior facilidade. É uma cor que perante as demais consegue emitir calor, provoca e domina em relação aos tons neutros e cinzas presentes em contrastes quando as aias dividem a tela.

Embora o peso das suas responsabilidades, as aias são consideradas mulheres com privilégios: moradia, alimentação, sem atividades árduas e dispõe de liberdade para realizar pequenas compras para a residência. A residência de um comandante é composta pelo dono da casa, sua mulher, o motorista e uma Martha - mulheres responsáveis pelas tarefas diárias e

¹⁵ Preto para os homens, azul para as esposas (em referência a Virgem Maria), vermelho para aias, verde para as marthas e marrom para as tias.

por supervisionar algumas tarefas das aias. Todos os componentes da residência são participantes da cerimônia em seu início, mas o ato em si é reservado ao comandante e sua esposa.

Comandante: O comitê a qual compõe é nomeado como “filhos de Jacó”¹⁶, são os idealizadores de toda a estrutura de Gilead e responsáveis pelo golpe nos Estados Unidos. O comandante Fred Waterford, no decorrer dos episódios aparenta ser um indivíduo com movimentos quase ensaiados, prestes a discursar em público; porém nos *flash-backs* é notável uma mudança em sua postura, na idealização de Gilead e elaboração do termo cerimônia; em especial na aparente relação de igualdade com sua esposa na discussão dessa nova República. No fim, sua a mulher acaba se submetendo as leis que a própria auxiliou a compor, agora, com seu marido em uma posição superior a da figura feminina.

A esposa do comandante: No início a série não apresenta a história de Serena Joy Waterford. Sua figura se alinha a de uma mulher que comanda a residência e supervisiona seu funcionamento, uma imagem límpida e aparentemente submissa. Todavia vemos através dos *flash-backs* como sua atuação foi essencial para a idealização de Gilead. No caminhar da narrativa descobre-se que além de ter sido considerada uma ativista conservadora no sistema de governo anterior, publicou livro que se tornou um *best-seller* (“*A Woman's Place*”). Dentro desse contexto visionado é inesperado descobrir uma mulher que tinha o poder da palavra, ser censurada em um Estado que ajudou a arquitetar; sem ignorar as regras quebradas para a conquista tão almejada de ser mãe¹⁷.

Em geral as esposas dos comandantes, não possuem um convívio amistoso com as aias - que são vistas como uma obrigação, algo necessário para o bem do novo sistema. Um objeto nomeado ao adentrar em uma residência que será substituída por outra, caso a anterior não obtenha sucesso. Isso fica nítido no relacionamento da aia com a Serena, mesmo abaixo do marido na hierarquia de poder, as mulheres dos comandantes estão acima dos empregados, demais cidadãos e das aias. O jogo de poder é sutil, velado, embora repleto de tensão.

Marthas: São mulheres a qual o papel equivale a de uma empregada doméstica para famílias do alto escalão. É inteligível que as Marthas almejam uma criança na residência, para que suas funções se estendam de babá, bem como afiguram ser indivíduos em idade não férteis ou que viveram a perda de filhos. Embora a série não justifique o que qualifica uma

¹⁶Entende-se que os comandantes são intitulados como filhos do personagem bíblico, referenciado no versículo da cerimônia dessa nova estrutura social. A história de Jacó faz parte do livro de Gênesis, em seus vinte e cinco capítulos Raquel e Lia são apresentadas, bem como seus doze filhos.

¹⁷A esposa do comandante sofreu um ataque em uma Universidade que é suposto ser infértil.

mulher ao papel de Martha é possível deduzir que são indivíduos em posições inferiores na escala social de Gilead, especificamente quando os traços físicos são avaliados, nos levando a conclusões que a etnia é parâmetro para a seleção das mulheres na hierarquia dessa sociedade. Embora o trabalho não envolva a terceira temporada, convém manifestar um fator curioso, a rede de comunicação das Marthas e como conseguem organizar uma rede de informações passadas de residência a residência, pela maior facilidade em transitar entre as casas do que as aias.

Motorista: Nick Blaine, no contexto pré-Gilead não se adequa a sociedade, sem conseguir estabilidade empregatícia assume a função de motorista do futuro comandante. Entende-se que alguns indivíduos em papéis estratégicos são Olhos¹⁸ (informantes secretos dos atos que infringem as regras, uma espécie de “polícia secreta”), em seu caso, atua como informante das ações do seu comandante para outro membro da alta cúpula de Gilead. Existe a insinuação que também faça parte da resistência ao governo (*may-day*).

Guardiões: São homens usados como combatentes designados para patrulha, motoristas, escolta de esposas e aias ou como pelotão de frente nas batalhas contra os opositores de Gilead. A diferença com Olhos é a hierarquia, um guardião se refere por “senhor” quando se trata de um olho.

Tia Lydia: Seu papel se assemelha a de uma instrutora que segue rigorosamente as leis de Gilead, de presença constante e ameaçadora lembra o papel das aias; como uma eterna repreensão dos momentos no centro de treinamento e da ideologia propagada. Possui autonomia e facilidade para transitar pela sociedade (centro de doutrinação, partos, residências, eventos públicos ou apedrejamentos). Nesse contexto apenas os comandantes e as Tias possuem o poder da escrita e da leitura, responsáveis por registrar as linhagens genealógicas de Gilead - para evitar a reprodução consanguínea, afinal, caso não haja registros isso de fato poderia acontecer.

Nesse ponto para completar algumas informações sobre um papel social tão forte das tias - especificamente da tia Lydia – em Gilead abro um parêntese como forma de compreender a função dessas mulheres nessa sociedade. Em 2019, a autora do livro “O conto da aia” (1985) lançou sua continuação: Os testamentos. Atwood constrói uma continuação quinze anos pós os visionados na série. A necessidade de incluir algo dos livros desvende a figura de uma tia em Gilead.

¹⁸“Fiéis a seu homônimo, o Olho de Deus sem pálpebra, eles nunca dormem”. (Atwood, 2019, p. 198)

A idealização de sua personagem é a de um indivíduo com o poder da decisão, seu corpo é considerado como sacrossanto – santo e sagrado - por Gilead. E nos seus “privilégios de escolha” começou a moldar mulheres, livrá-las dos pecados do passado para as novas gerações. Ou seja, para as mulheres sujeitas à nova realidade não será fácil a adaptação, mas para as futuras gerações tornará algo natural, se sujeitarão com boa vontade a tudo que lhe é exigido, afinal, não haverá quaisquer lembranças de outros tempos ou outra forma de viver, se não a sociedade em que estão inseridas.

Atento para o que Foucault (2013) investiga sobre o domínio do corpo, a privação da liberdade e até mesmo os castigos físicos carece de um complemento na supressão corporal, outra opção de privação é a alma, abalada para a adequação do indivíduo nos moldes exigidos por Gilead. Porém, os métodos punitivos e de submissão é respaldado pelo campo político:

As relações de poder operam sobre ele um efeito imediato; investem-no, marcam-no, controlam-no, supliciam-no, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais. Este investimento político do corpo está ligado, segundo relações complexas e recíprocas, à sua utilização econômica; em boa parte, é como força de produção que o corpo é investido de relações de poder e de domínio; mas, em contrapartida, a sua constituição como força de trabalho só é possível se estiver integrado num sistema de sujeição (em que a necessidade é também um instrumento político cuidadosamente organizado, calculado e utilizado); o corpo só se torna força útil se for simultaneamente corpo produtivo e corpo submetido. Esta sujeição não é obtida apenas pelos instrumentos da violência ou da ideologia; pode muito bem ser direta, física, usar a força contra a força, incidir sobre elementos materiais e, porém, não ser violenta; pode ser calculada, organizada, tecnicamente refletida; pode ser subtil, não recorrer a armas nem ao terror e, porém, ser de ordem física. (FOUCAULT, 2013, p.28)

A instauração de Gilead a princípio era por motivos compreensíveis para alguns, mas como em todo governo existe o desejo pelo poder, nele é reservado o segredo das tias, a qual sua presença é sentida mesmo quando não se faz presente, como mencionado no livro lançado por Atwood (2019):

Existem outros três motivos para minha longevidade política. Em primeiro lugar, o regime precisa de mim. Eu controlo o lado feminino do empreendimento deles com um punho de ferro dentro de uma luva de couro sob uma luva de tricô, e mantenho tudo em ordem: feito um eunuco num harém, estou em posição única para fazê-lo. Em segundo, sei demais sobre os líderes – sujeira demais – e eles não sabem muito bem o que eu posso ter feito a partir disso em matéria de documentação. Se me mandarem para a forca, será que essa sujeira poderia vir a ser vazada? Eles podem muito bem desconfiar de que tomei precauções para o caso de algo me acontecer, e estariam corretos. Em terceiro lugar, eu sou discreta. Cada um destes homens eminentes sempre sentiu que seus segredos estão a salvo comigo; mas – conforme deixei veladamente claro – isso vale desde que eu esteja a salvo também. Há muito que sou partidária do sistema de freios e contrapesos. Apesar dessas medidas de segurança, não me permito baixar a guarda. Gilead é um lugar arriscado: acidentes acontecem com muita frequência. (ATWOOD, 2019, p.72)

Enfim chego ao momento mencionado sobre a importância de citar um livro lançado posterior ao lançamento de três temporadas da série estudada que são produtos separados¹⁹. O tipo de poder que tem efeito com base na posição privilegiada e nas relações sociais entranhada, não é passível de localizá-lo em um único espaço. Seu funcionamento é composto por um conjunto de mecanismos e modalidades, nesse sentido que voltamos a falar sobre a alma, o princípio vital que é construído no corpo dos submissos, treinados, experimentados, reparado, etc.

1.3 PODER E DOMINAÇÃO

Na tentativa de compreender as estruturas dessa sociedade, não é possível ignorar a existência de uma força que organiza todo seu contexto, sendo imprescindível a reflexão do que se entende como poder. Segundo algumas percepções o detentor do poder é responsável por dominar, deliberar e agir em circunstâncias que são provenientes de fontes diversas (físicas, espirituais, materiais, jurídicas), não havendo uma forma de poder, sua força está presente nas relações. Quando nos referimos à sociedade de Gilead e sua forma de governo, não é possível identificar à primeira vista todos seus mecanismos, então é necessário seguir as imagens e responder nossas indagações conforme avançamos.

Seguindo o raciocínio de Foucault em sua discussão sobre biopoder, o autor caracteriza o poder como “o conjunto dos mecanismos pelos quais aquilo que, na espécie humana, constitui suas características biológicas fundamentais vai poder entrar numa política, numa estratégia política, numa estratégia geral do poder.” (2008a, p.03). Em suma, seria um dos fundamentos utilizados pelos governos para resumir a vida em artifícios de poder. Não devemos ter como objetivo rotular o poder em uma interpretação, mas compreender as relações que são derivadas dos seus instrumentos, os efeitos na sociedade por intermédio dos mecanismos de segurança e indicadores. Segundo Max Weber (2004):

Por "dominação" compreendemos, então, aqui, uma situação de fato, em que uma vontade manifesta ("mandado") do "dominador" ou dos "dominadores" quer influenciar as ações de outras pessoas (do "dominado" ou dos "dominados"), e de fato as influencia de tal modo que estas ações, num grau socialmente relevante, se realizam como se os dominados tivessem feito do próprio conteúdo do mandado a máxima de suas ações (“obediência”). (2004, p. 191, aspas e parênteses do autor.)

¹⁹ A autora Margaret Atwood teve participação como consultora na série.

Com base no entendimento do autor, a dominação não é resultado de um poder ilegítimo, ou que ascende sem a compreensão dos indivíduos, mas em consequência de um poder a qual os indivíduos aceitam se sujeitar, assim, concede ao poder em exercício a sua legitimidade. A questão para o autor são as motivações da obediência ou seja, dominação. Nesses termos, quando se pensa a dominação, sua especificidade no caso do Estado se encontra na coação;

O Estado é aquela comunidade humana que, dentro de determinado território - este, o "território", faz parte da qualidade característica -, reclama para si (com êxito) o monopólio da coação física legítima, pois o específico da atualidade é que a todas as demais associações ou pessoas individuais somente se atribui o direito de exercer coação física na medida em que o Estado o permita. Este é considerado a única fonte do "direito" de exercer coação. "Política" significaria para nós, portanto, a tentativa de participar no poder ou de influenciar a distribuição do poder, seja entre vários Estados, seja dentro de um Estado entre os grupos de pessoas que este abrange. (WEBER, 2004, p. 525-526, aspas e parênteses do autor)

A atuação política é envolta de poder, bem como o próprio Estado²⁰ e sua relação de dominação e coerção; esse sistema ocorre pela existência de indivíduos sujeitos aos dominantes. Os motivos são identificados através de análises internas e externas a qual serve de suporte a dominação.

Na realidade, a obediência é condicionada por motivos muito poderosos de medo e esperança - medo da vingança de poderes mágicos ou do detentor do poder, esperança de obter uma recompensa no Aquém ou no Além -, além de interesses de natureza mais diversa. (WEBER, 2004, p. 526)

Nessas condições, independente se a restituição será em vida ou após a morte, para sua manutenção é essencial uma gestão regular, que necessita dos dominados e sua obediência, acompanhado da aplicação da coação quando necessário. O Estado consegue manusear sua força por diversos meios: coerção, influência, dinheiro, propaganda, conhecimento, entre outros. Assim como mencionado anteriormente por Foucault, na estrutura social há uma microfísica do poder, uma força presente na sociedade e em sua tela social que transforma as relações viventes.

Podemos relacionar a teoria de Foucault com o cenário presenciado em Gilead, sobre como os corpos compõem o campo político, se relacionam com o poder e seus mecanismos, seja através de relações mútuas ou complexas. Os corpos em Gilead são transformados conforme um propósito que consegue controlar indivíduos através das tecnologias do poder, um meio pelo qual o poder em execução (opressor-oprimido) é identificado. Foucault exemplifica uma demonstração de poder através da punição e disciplina. Quando um poder pune o indivíduo por intermédio da disciplina, uma de suas intenções é alcançar a cura ao

²⁰ O Estado é considerado como poder soberano, maior representação de força existente. No âmbito político, seja oriundo de força divina, pela natureza ou por contrato o Estado foi gerado pela vontade dos indivíduos.

mesmo tempo em que busca a vingança pelo desdém as leis e normas vigentes. Já que apresenta desordem ao campo social caso não seja punido e se torne algo generalizado. A disciplina não precisa recorrer sempre à coerção física, mas a sua representação, para servir como lembrança das punições que possam ser deliberadas.

Gilead consegue o domínio do corpo com a retirada de bens e direitos, privar um indivíduo da liberdade pode funcionar, porém adicionado a punição ao corpo: agressão, cárcere, controle da alimentação e a abstinência sexual. Além do que:

Em nossas sociedades, os sistemas punitivos devem ser recolocados em uma certa “economia política” do corpo: ainda que não recorram a castigos violentos ou sangrentos, mesmo quando utilizam métodos “suaves” de trancar ou corrigir, é sempre do corpo que se trata — do corpo e de suas forças, da utilidade e da docilidade delas, de sua repartição e de sua submissão. (FOUCAULT, 2013, p.28)

A questão é que o corpo emerge no campo político, sob controle das relações de poder e domínio, sua utilidade é sujeita a preencher os quesitos de corpo produtivo e submetido. Quanto à posição de poder regida pelos dominados equivale a um privilégio por sua localização estratégica.

O que significa que essas relações aprofundam-se dentro da sociedade, que não se localizam nas relações do Estado com os cidadãos ou na fronteira das classes e que não se contentam em reproduzir ao nível dos indivíduos, dos corpos, dos gestos e dos comportamentos, a forma geral da lei ou do governo; que se há continuidade (realmente elas se articulam bem, nessa forma, de acordo com toda uma série de complexas engrenagens), não há analogia nem homologia, mas especificidade do mecanismo e de modalidade. (FOUCAULT, 2013, p.30)

Foucault (2013) questiona que mesmo a parte tangível de sofrer a punição rigorosa seja o corpo, o castigo impera sobre a alma. A ideia da alma, não se trata de algo espiritual, mas produzido por um sistema de poder que controla os corpos, a alma resultante de um poder e da orientação de um saber que corrobora as ações do poder. Em suma, a alma é mais um instrumento de exploração política, o confinamento do corpo. Bem como no âmbito do suplício nota-se similaridades com Gilead, devido à penalidade ser acompanhada do sofrimento e do cerimonial. A vítima não carrega apenas a tortura:

Em relação à vítima, ele deve ser marcante: destina-se, ou pela cicatriz que deixa no corpo, ou pela ostentação de que se acompanha, a tornar infame aquele que é sua vítima; o suplício, mesmo se tem como função “purgar” o crime, não reconcilia; traça em tomo, ou melhor, sobre o próprio corpo do condenado sinais que não devem se apagar; a memória dos homens, em todo caso, guardará a lembrança da exposição, da roda, da tortura ou do sofrimento devidamente constatados. E pelo lado da justiça que o impõe, o suplício deve ser ostentoso, deve ser constatado por todos, um pouco como seu triunfo. O próprio excesso das violências cometidas é uma das peças de sua glória. (FOUCAULT, 2013, p.36)

Esse modelo de suplício composto por rituais além das marcas nos corpos exterioriza o poder que castiga, não obstante vai além de punir, no contexto da tortura torna-se um duelo

pela obtenção da verdade. Agora o corpo passa a ser exemplo aos outros indivíduos na aplicação cerimonial da punição pública, apresentando o resultado de uma deliberação até então privada. Deste modo:

O suplício tem então uma função jurídico-política. É um cerimonial para reconstituir a soberania lesada por um instante. Ele a restaura manifestando-a em todo o seu brilho. A execução pública, por rápida e cotidiana que seja, se insere em toda a série dos grandes rituais do poder eclipsado e restaurado (...) deve haver, nessa liturgia da pena, uma afirmação enfática do poder e de sua superioridade intrínseca. E esta superioridade não é simplesmente a do direito, mas a da força física do soberano que se abate sobre o corpo de seu adversário e o domina: atacando a lei, o infrator lesa a própria pessoa do príncipe: ela — ou pelo menos aqueles a quem ele delegou sua força — se apodera do corpo do condenado para mostrá-lo marcado, vencido, quebrado. (FOUCAULT, 2013, p.49)

Ou seja, o uso do suplício não é uma ferramenta para restaurar a justiça, mas reacender o poder:

Que o erro e a punição se intercomuniem e se liguem sob a forma de atrocidade, não era a consequência de uma lei de talião obscuramente admitida. Era o efeito, nos ritos punitivos, de uma certa mecânica do poder: de um poder que não só não se furta a se exercer diretamente sobre os corpos, mas se exalta e se reforça por suas manifestações físicas; de um poder que se afirma como poder armado, e cujas funções de ordem não são inteiramente desligadas das funções de guerra; de um poder que faz valer as regras e as obrigações como laços pessoais cuja ruptura constitui uma ofensa e exige vingança; de um poder para o qual a desobediência é um ato de hostilidade, um começo de sublevação, que não é em seu princípio muito diferente da guerra civil; de um poder que não precisa demonstrar por que aplica suas leis, mas quem são seus inimigos, e que forças descontroladas os ameaçam; de um poder que, na falta de uma vigilância ininterrupta, procura a renovação de seu efeito no brilho de suas manifestações singulares; de um poder que se retempera ostentando ritualmente sua realidade de superpoder. (FOUCAULT, 2013, p.56)

A sanção adotada deve ser testemunhada pessoalmente pelos indivíduos, para despertar o medo e como participante da punição. O próprio soldado torna-se um corpo moldado com base na coerção, em um exercício de força contínua, com controle sobre atividades, movimentos, tempo e o espaço. O termo disciplina utilizado por Foucault retrata uma política coercitiva em relação ao corpo; “o corpo humano entra num maquinismo de poder que o explora, desarticula e recompõe.” (2013, p.133). O efeito são corpos modelados de acordo com a utilidade – econômica - ao mesmo tempo em que reduz sua força política. Eventualmente a disciplina pode recorrer ao isolamento no processo de dominar o indivíduo em um espaço minucioso, para no fim conceber um espaço útil com seus ciclos de recorrência, regulação, obrigações e ocupações.

Os métodos disciplinares fazem parte da vida dos indivíduos seja no período escolar, exército ou de ordens religiosas - “durante séculos, as ordens religiosas foram mestras de disciplinas: eram os especialistas do tempo, grandes técnicos do ritmo e das atividades

regulares.” (2013, p.144) -, através do uso do tempo se alcança o domínio sobre sua utilização e o controle, assim conquista o poder com eficácia para “obter um aparelho eficiente”. No fim sua finalidade será doutrinar para extrair com maior qualidade e quantidade. Mesmo que o poder se estruture em um sistema hierarquizado, sua força é presente por todo o corpo que reside em seu campo, nas relações que mantém continua seus mecanismos a qual cada indivíduo também é passível de punição.

De acordo com Foucault a individualização no cerne da disciplina²¹ concede ao detentor do poder privilégios, e “mais é marcado como indivíduo, por rituais, discursos ou representações plásticas.” (2013, p.184). Em contra partida, os indivíduos que são submetidos a esse poder também são mais individualizados conforme o domínio se torne mais funcional e desconhecido, devido a falhas, e não pelo comportamento.

O momento em que passamos de mecanismos histórico-rituais de formação da individualidade a mecanismos científico disciplinares, em que o normal tomou o lugar do ancestral, e a medida o lugar do status, substituindo assim a individualidade do homem memorável pela do homem calculável, esse momento em que as ciências do homem se tornaram possíveis, é aquele em que foram postas em funcionamento uma nova tecnologia do poder e uma outra anatomia política do corpo. (FOUCAULT, 2013, p. 184-185)

Nesse sentido, “o indivíduo é sem dúvida o átomo fictício de uma representação “ideológica” da sociedade; mas é também uma realidade fabricada por essa tecnologia específica de poder que se chama “disciplina.” (2013, p.185). O poder é responsável por originar os aspectos da realidade, não pode ser rotulado apenas em um âmbito excludente, ou seja, o poder produz, tanto a consciência, como o próprio indivíduo.

²¹ É importante evidenciar que além de outras obras do autor, diferentes trechos de “Vigiar e Punir” são utilizados no trabalho, seja no contexto do suplício, punição, disciplina ou prisão. Não significando uma desconsideração a conjuntura social estudada por Foucault em cada período histórico, a qual parte em princípio da vigilância, sanção, exame e o poder disciplinador ou o que agora entendemos como dispositivo disciplinador. A intenção não é resumir cada parte de sua pesquisa ou período histórico somente como um dispositivo disciplinar, mas construir uma narrativa fácil de compreender os mecanismos de poder na produção de *corpos dóceis*, frente ao contexto que o estudo das imagens nos proporcionou como base. Por fim, ser possível apresentar como análises independentes do século ainda são essenciais para entendimento do poder e suas estruturas em determinado contexto social.

1.4 ESTADO TOTALITÁRIO E GILEAD

Dado que temos trabalhado com a ideia de Gilead como uma República totalitária, fazemos uso da noção de totalitarismo segundo a perspectiva de Hannah Arendt (2013)²².

A princípio, um ambiente se transforma em totalitário quando os indivíduos são submetidos à determinada força política que domina todos os aspectos da vida privada e pública, uma espécie de domínio alienado. A segurança do Estado totalitário encontra-se na falta de criatividade e inteligência das “massas”, ao abolir a espontaneidade através da liberdade. O poder totalitário conquista a lealdade dos indivíduos - não há ascensão ou legalidade sem consentimento, é praticamente inviável que um governo consiga manter sua posição quando governa muitos indivíduos, sem consenso ou a confiança da maioria. A violência a qual os governos totalitários empregam nos períodos iniciais para conter a oposição política é um meio de doutrinação ideológica. O estilo de governo opressor evita herdar qualquer conteúdo de tempos anteriores que não sejam totalitários, isso torna a maneira como se estrutura inédita, de acordo com Arendt. Ou como Claude Lefort (1983) conceitua, é uma forma de poder que anula “os signos de autonomia da sociedade civil, a negar as determinações particulares que a comporiam” (1983, p.45). Assim, a sociedade se ampara em uma espécie de poder que na teoria “se basta a si mesma”.

A propaganda é a primeira fase e o mais importante instrumento de um regime totalitário, que após ter eficácia é substituída pela doutrinação e o uso da força para conter os opositores políticos; em Gilead sua propaganda é estruturada na religião para a salvação da Nação. É com base nos escritos bíblicos que essa sociedade articula as mudanças de acordo com os objetivos que pretende alcançar, rejeitando quaisquer intromissões de outras áreas²³. Proibindo os indivíduos ao simples exercício da leitura e da escrita, resguardando esse privilégio aos comandantes e as tias.

Em um cenário com escassez de informação, o papel da polícia totalitária é garantir a ordem e a manutenção social conforme a linha política a si confiada, assumindo uma postura adversa do poder armado anterior em relação aos indivíduos, nas palavras de Arendt:

²²Não será abordado divergências entre outros autores - como a crítica de Popper., “*what we call nowadays totalitarianism belongs to a tradition which is just as old or just as young as our civilization itself.*”* (1962, p.11) - quanto à terminologia de Arendt ser restrita a apenas Alemanha e Rússia, esquecendo outras sociedades, ou seja, como se a sucessão de acontecimentos nas duas sociedades fossem aplicáveis a todas as outras.

* "aquilo a que hoje chamamos totalitarismo pertence a uma tradição que é tão velha ou tão jovem como a nossa própria civilização. (Livre Tradução).

²³ Ciência e educação.

O dever da polícia totalitária não é descobrir crimes, mas estar disponível quando o governo decide aprisionar ou liquidar certa categoria da população. Sua principal distinção política é que somente ela confidência com a mais alta autoridade e sabe que linha política será adotada. (ARENDR, 2013, p. 362).

A força policial de Gilead é denominada como guardiões e Olhos, os únicos com acesso a armamento e responsáveis por manter a ordem social. Na bíblia encontramos uma menção que pode sugerir a relação com sua nomeação:

Os olhos do Senhor percorrem toda a terra para sustentar aqueles, cujo coração lhe é totalmente devotado. Tu te comportaste totalmente neste negócio, pois doravante terá continuamente guerras. (II Crônicas 16:9, 1978, p.470)

Conforme Arendt (2013), a polícia totalitária tem como obrigação ficar a cargo do governo para aprisionar ou aniquilar fragmentos da população. Parte do pressuposto que todos são suspeitos, principalmente em relação a pensamentos que não seguem a linha estabelecida; utiliza meios de autodefesa para justificar seus atos, denominando suas vítimas como insurgentes e traidores, de modo que:

Todo mundo é *agent provocateur* de todo mundo; pois é claro que cada um se arrojará em *agent provocateur* se jamais uma troca comum e amistosa de “pensamentos perigosos” (ou daquilo que, nesse meio-tempo, viesse a se tornar pensamento perigosos) chegar ao conhecimento das autoridades. (ARENDR, 2013, p.366)

Ou seja, a coação ocorre pelo uso da força e do medo que desperta, os indivíduos são submetidos à soberania do Estado de forma contínua, é nesse mecanismo que se baseia sua existência. No caso de Gilead, os cadáveres expostos são dispositivos de alerta sobre um governo que não cede perante transgressões, sem a necessidade que histórias sejam contadas, os olhos da população é a maior prova do cumprimento das leis. Ao mesmo tempo em que despertam o medo faz dos sujeitos testemunhas. Como defende Foucault:

É preciso que, à ideia de cada crime e das vantagens que se esperam dele, esteja associada a ideia de um determinado castigo, com as desvantagens precisas que dele resultam (...) as leis que definem os crimes e prescrevem as penas sejam perfeitamente claras, a fim de cada membro da sociedade possa distinguir as ações criminosas das ações virtuosas. (FOUCAULT, 2013, p.117)

Uma de suas principais demonstração de poder em relação às aias ocorre através do isolamento sobre os corpos, o controle dos horários com vigilância constante e atividades que exigem proibições e obrigações. A disciplina decompõe o poder do corpo e converte o mesmo em um mecanismo repressivo em dominação intensa, se assemelha aos rituais religiosos e a rigorosos métodos disciplinares. A lógica disciplinar causa sobre o indivíduo a sensação de eterna vigilância, caso não siga as regras pode ser flagrado e punido, emergindo em todos os aspectos físicos e mentais do sujeito. Utilizada de forma eficiente é capaz de extinguir personalidades diversas em um mesmo ambiente.

Ao omitir informações o Estado reivindica para si o poder do conhecimento, sendo os indivíduos objetos que tendem a ser moldados pelas instituições de poder. As táticas são incorporadas principalmente através dos mecanismos de tecnologias políticas que não apenas vigiam, mas punem, por meio da hierarquia. Para Arendt a omissão de informação possui relação com sua demonstração de força, resumido como: “o verdadeiro poder começa onde o segredo começa.” (2013, p.346). Assim, quanto mais se revela sobre o Estado, menos controle e poder a instituição dispõe.

Um governo totalitário pode ser considerado eficiente e detentor do poder absoluto caso controle todas as vertentes da vida dos indivíduos, seu sucesso ocorre no cenário em que homens são supérfluos. Aniquila a pessoa jurídica e a moral dos indivíduos, após a destruição da individualidade e naturalidade, assim como a aptidão dos sujeitos a desenvolver qualquer coisa; restando indivíduos destituídos de identidade e vontades, meros fantoches, ou seja, “morta a individualidade, nada resta senão horríveis marionetes com rostos de homem.” (2013, p.385). Um tipo de poder que aniquila a pessoa moral e a pessoa jurídica, dizimando sua individualidade, a espontaneidade, tornando o homem incapaz de reação. Segundo Lefort (1983), o totalitarismo se edifica sobre a ruína dos direitos do homem, ou seja, os direitos são apagados, bem como qualquer ligação que tenha com a política. Desse modo, o totalitarismo abre precedentes para o suicídio ao privar da liberdade; sua eficácia é tão grande que impede que a moral dos indivíduos se resguarde no individualismo, contudo os afetados são pessoas na mesma linha que os demais.

1.5 GÊNERO

Como forma de assimilar a discussão sobre a coexistência entre homens e mulheres a serem discutidas nesse trabalho, é de suma importância discorrer sobre a questão do gênero e como assimilamos sua relação em Gilead. Para Raewyn Connell (2015), o gênero é entendido por um senso comum sob o viés de uma distinção natural entre mulheres e homens. O corpo humano e seu desenvolvimento são impactados pela vida social, principalmente no que se refere à alimentação, costumes, trabalho, educação, entre outras. Sendo uma concepção do social e do biológico, uma vez que o gênero é definido simplesmente por suas características físicas, ou como algo que antecede o corpo, que o constitui, aprimora e reside. Nas palavras de Connell:

Gênero é uma forma específica de corporificação social. A característica distintiva do gênero é que este se refere a estruturas corporais e processos ligados à reprodução humana. Gênero envolve um conjunto de práticas sociais humanas –

incluindo cuidados com crianças, parto, interação sexual – que mostram capacidades de corpos humanos de parir, dar leite, dar e receber prazer. Só podemos começar a entender o gênero se compreendermos o quão próximos os processos sociais e corporais se encontram. Nascemos em sangue e dor e nascemos em uma ordem social. (CONNELL, 2015, p.113)

Conforme Daniel Borrillo (2010) o indivíduo é caracterizado em masculino ou feminino a partir do nascimento, fato que será seu condutor jurídico durante sua vida, sendo o gênero uma forma de produzir a diferença entre sexos e os papéis que devem ser desempenhados segundo suas identidades biológicas. A família surge como o agente responsável por influenciar os indivíduos a seguir regras impostas pela sociedade, a qual não há uma igualdade. Assim ocorre com o papel dos progenitores, a mulher é vinculada à figura maternal, enquanto o homem desempenha o personagem com uma função valorizada. Determinando em cada pessoa uma função social e uma identidade psicológica.

Na discussão de Daniel Welzer-Lang (2001) sobre gênero, a dominação masculina exerce seu poder no âmbito privado e público, “atribui aos homens privilégios materiais, culturais e simbólicos.” (2001, p.461). Há uma separação social que concede a figura masculina maior valor em suas funções em comparação a feminina. O homem consegue se apossar das contribuições das mulheres e preservar seu *status* na hierarquia, o que não exclui nessa manutenção: “violências múltiplas e variadas as quais – das violências masculinas domésticas aos estupro de guerra, passando pelas violências no trabalho.” (2001, p.461). Qualquer espécie de associação ao feminino transforma o sujeito em “inimigo” ou dominado, assim, o masculino recusa qualquer aproximação com “características” impostas ao sexo oposto. Deste modo, não importa a posição na hierarquia social, todos os indivíduos são submetidos a essa hierarquia masculina, alguns com vantagens sobre as mulheres ou sobre os próprios homens.

Joan Scott (1988) defende que a terminologia gênero refere-se a um componente peculiar das relações sociais que se fundamenta nas diferenças entre os sexos, sendo o gênero a priori um meio de expressar as relações de poder. A nomenclatura envolve quatro elementos, através de símbolos que despertam representações culturais múltiplas. Por intermédio de princípios políticos, religiosos, jurídicos e científicos que se apresentam como uma oposição binária do feminino e masculino.

Dentro desses conceitos, é aceitável a semelhança com as bases religiosas que a sociedade de Gilead instaura, próximo ao que foi evidenciado por Simone Beauvoir (2009), a

qual os mitos da criação exaltam o macho, principalmente no campo do cristianismo²⁴ e da gênese²⁵, que foi propagado na civilização Ocidental. Na história apresentada à mulher, Eva, foi originada após o homem, sendo retirada de seu próprio corpo, mas não por uma escolha do Criador e sim pela solidão que acometeu Adão, para idolatrá-lo. Seu início, propósito e fim se resume a ser submissa a figura do esposo. Ou seja, nessa estrutura as mulheres são a imagem da Eva que sucumbiu à tentação, comeu o fruto proibido e faz ambos serem expulsos do paraíso para sofrer as mazelas da vida humana. Para que não ocorra de novo, a mulher deve ser submissa ao homem, sendo o “Estado” à semelhança de Deus, que conduzirá a salvação. Caso ocorra à desobediência estarão atentando não somente contra a sociedade, mas contra o Criador. Segundo as palavras de Martha Robles (2019):

Desde o ponto de vista do Gênesis, do Novo Testamento, do Talmude, do Alcorão, do hadith e da mariologia, a mulher é a menos racional, a mais profana do casal e a culpada pela queda da humanidade. Responsável pelo pecado original e herdeira do poderoso caráter das deusas pagãs, inspira uma doutrina que somente adquire sentido através da expiação purificadora. Eva, além disso, é a portadora do signo perverso da palavra, já que tudo indica que a serpente falava e que a linguagem resultou de uma conspiração entre o réptil com Cabeça e língua masculinas e a sedutora criada para ser a ajudante e serva dos desígnios de Deus por meio do homem. Sua sexualidade é a preocupação essencial da tradição ocidental, da qual se desprende o preconceito em relação à feminilidade perversa que estigmatizou as fraquezas masculinas provocadas pelas mulheres. (ROBLES, 2019, p.41-42.)

A figura masculina ambiciona a existência da mulher, mas em nenhum momento desejaria representar o papel de uma, vivendo em uma constante ansiedade em afirmar sua masculinidade. Até mesmo na esfera da maternidade e todo evento do nascimento se resume a mulher. Códigos antigos e o levítico instituem rituais de purificação tradicionais para limpar o recém-nascido das impurezas do parto. A maternidade seria o destino da mulher, é através da concepção que a figura se realiza e abraça seu destino fisiológico. Sendo qualquer controle de natalidade aos olhos do catolicismo um fato espúrio. Nas palavras de Judith Butler (2003):

O “corpo” aparece como um meio passivo sobre o qual se inscrevem significados culturais, ou então como o instrumento pelo qual uma vontade de apropriação ou interpretação determina o significado cultural por si mesma. Em ambos os casos, o corpo é representado como um mero *instrumento* ou *meio* com o qual um conjunto de significados culturais é apenas externamente relacionados. Mas o “corpo” é em si mesmo uma construção, assim como o é a miríade de “corpos” que constitui o domínio dos sujeitos com marcas de gênero. (BUTLER, 2003, p. 27)

O socialmente determinado nesse aspecto pode ser vinculado ao estudo de Foucault sobre a sexualidade - em especial a microfísica do poder -, o autor se deparou com o que seria

²⁴ A crença em um único Deus: religião monoteísta.

²⁵ Marca o primeiro livro da bíblia hebraica e cristã.

resultado de formas de poder modernas, a qual anteriormente era incumbência da igreja controlar comportamentos através de suas crenças e convenções agora é de responsabilidade do Estado gerenciar uma “polícia do sexo” para regular e conduzir através do discurso a sexualidade no setor público. O autor faz uma contextualização histórica desde o século XVIII a qual as sociedades burguesas iniciam algo característico, a repressão, principalmente no que envolve a discussão sobre o sexo. Uma forma de controlar os desejos ao colocá-los em discurso pela pastoral cristã, como um mecanismo do indivíduo retornar a sua espiritualidade e a Deus. Ressaltar o sexo e seu lugar na disputa política segundo o autor representa sua articulação em dois eixos; o da disciplina do corpo: “adestramento, intensificação e distribuição das forças, ajustamento e economia das energias.” E o segundo eixo que corresponde “à regulação das populações, por todos os efeitos globais que induz.” (FOUCAULT, 1988, p.136). Através do sexo encontram-se mecanismos para acessar a vida do corpo e da espécie inseridos nas intervenções econômicas, operações políticas e vias biológicas da moralização.

O sangue desempenha um papel de destaque na estrutura de poder na execução de rituais e manifestações, entretanto na sociedade moderna predomina o discurso do sexo, ao qual Foucault compreende que:

Os mecanismos do poder se dirigem ao corpo, à vida, ao que a faz proliferar, ao que reforça a espécie, seu vigor, sua capacidade de dominar, ou sua aptidão para ser utilizada. Saúde, progeneritura, raça, futuro da espécie, vitalidade do corpo social, o poder fala *da* sexualidade e *para* a sexualidade; quanto a esta, não é marca ou símbolo, é objeto e alvo. (FOUCAULT, 1988, p.138).

Ou seja, ocorre uma transformação de uma sociedade simbólica do sangue para uma sociedade analítica da sexualidade, alterando a reprodução das relações da sexualidade e o poder.

Em conformidade com Gayle Rubin (2003) o campo que envolve a sexualidade possui uma política interna que expressa modos de opressão e desigualdades, a qual algumas formas institucionais resultam da atividade humana, refletindo artimanhas políticas e conflitos de interesses. Além de afirmar que nas sociedades ocidentais a estrutura manifesta contextos sociais excepcionalmente punitivos ao que se refere à sexualidade, seja por vias formais ou informais. Desse modo, “todas essas hierarquias de valor sexual – religiosos, psiquiátricos e populares – funcionam da mesma maneira com os sistemas ideológicos do racismo, etnocentrismo, e chauvinismo religioso.” (2003, p.15). Apesar de o Estado regular através da burocracia uma hierarquia sexual, um fragmento importante desse controle social ocorre de forma extralegal, a qual penalidades são determinadas por vias sociais da população, que

auxilia na punição. Em suma a autora argumenta que o gênero/sexo e suas derivações são produtos sociais a qual a sociedade modifica, sendo produtos políticos no âmbito de indivíduos que punem e ocultam outros que não se enquadram. Uma sociedade que se interessa pela vida dos seus indivíduos acaba desenvolvendo meios para regular os comportamentos, e com o poder possuindo a capacidade de normatizar e libertar.

De acordo com Margaret Mead (2015) há caminhos que a sociedade desenvolve sobre personalidades femininas e masculinas produzidas no decorrer da história da humanidade, um deles é a padronização dos indivíduos de forma dessemelhantes, contrárias. Sendo treinados para desempenhar o papel a qual são designados. Nas palavras da autora, “não pode haver sociedade que insista em que a mulher siga um padrão especial de personalidade, definido como feminino, que não viole também a individualidade de muitos homens.” (2015, p.295). A personalidade distinta não teria relação com sexo, mas maneiras de padronização das dissimilaridades sexuais características de sociedades como a européia. Com as diferenças antes valorizadas – altura e força – não sendo tão consideráveis, uma vez que na modernidade a questão da sobrevivência pelo artifício corporal não ocorrem mais, assim como não há distinção em níveis culturais.

Em alguns momentos na série presenciamos situações passíveis de comparação, é o caso do quinto episódio (31min09s) em um encontro secreto e ilegal, aia e o comandante conversam sobre destino biológico e os problemas “inventados” da sociedade anterior, como a competição da beleza propagada nas revistas de moda. A aia argumenta que pelo menos antes tinham o poder da escolha, porém prontamente é rebatida pelo comandante que alega que agora elas possuem proteção e respeito para seguir o destino biológico a qual são destinadas, originar filhos. Em uma aparente liberdade em sua conversa a aia é contida em todos os seus atos, a tensão da cena consegue transmitir quem é o detentor do poder no ambiente.

No sexto episódio presenciamos duas mulheres em posições distintas – a aia e a embaixadora do México – dialogando. Embora a sociedade de Gilead possua muros é essencial a manutenção das relações internacionais, ou seja, o governo ainda necessita negociar com outros países. Em uma exibição do “sucesso das aias”, sua figura é exibida como um objeto (10min00s). Quando questionada, frente a uma sala vigiada, sobre se escolheu ser uma aia a resposta é apenas sim. Segundo as informações contidas neste episódio o mundo inteiro possui desafios, como os enfrentados pela sociedade de Gilead. Contudo, Offred rompe com seu silêncio (47min34s) com a embaixadora mexicana:

Eu menti pra você. Esse é um lugar brutal (...). Somos prisioneiras. Se fugirmos tentam nos matar. Ou pior. Nos batem. Usam ferro quente para fazer com

que nos comportemos. Se nos flagram lendo, nos cortam um dedo. Se repetir o ato cortam a mão toda. Arrancam nossos olhos. Eles nos aleijam das piores formas que puder imaginar. Eles me estupram. Todo mês. Quando posso estar fértil (...) não escolhi isso. Eles me pegaram. Eu estava tentando fugir. Levaram minha filha. (Livre Tradução)

Embora exista a esperança que nesse momento outra mulher irá compadecer da situação alheia, ajudar ou rejeitar qualquer hipótese de implantar o modelo de Gilead em seu país. A resposta vem como um argumento, uma realidade sem nascimento nos últimos seis anos justifica qualquer sacrifício dos indivíduos.

Analisar intervenções sobre o controle do corpo a partir do seriado para o contexto social fora das telas nos transporta para o debate sobre o uso dos contraceptivos pela igreja católica, bem como compreende Flávia Biroli (2016), contrária a qualquer espécie de controle de natalidade, sendo à base de sua justificativa um molde de casamento conservador entre o homem e a mulher. Na série o papel da mulher é ser uma provedora, um dos motivos para o cenário que os leva até Gilead é o uso de contraceptivos, “a abstração que permite considerar os indivíduos como cidadãos, igualmente, de modo que independeria de sua posição nas relações sociais é, assim, colocada em xeque em regimes que, em outras dimensões, aderem a normas e valores liberais.” (BIROLI, 2016, p.40). O corpo é objeto de sanção, a autonomia existe com base na regulação do Estado, da família e da religião, assim:

Em vez do direito das mulheres a decidir sobre si e sobre o que se passa em e com seu corpo, ganha centralidade a afirmação de que esse corpo tem significados que o tornam alheio à própria mulher – a santificação da maternidade e a objetificação da mulher pela perspectiva masculina fazem parte de uma mesma gramática que nega às mulheres o direito a autonomia. O direito das mulheres à autonomia decisória, como forma de garantia da sua integridade física e da proteção às identidades que lhes são caras (Cohen, 1997), é delimitado pela convergência entre formas de controle exercidas e normatizadas pelo Estado, pelo marido ou por homens que estão à frente de denominações religiosas. Mais uma vez, a gramática que justifica esse controle em nome da importância e santidade da reprodução e da maternidade não é distinta da gramática que justifica o direito dos homens ao corpo das mulheres, componente importante da tolerância social ao estupro e a outras formas de humilhação, violação e violência contra as mulheres. A valorização de formas convencionais da família, que é também uma peça-chave nessas posições, reduz a mulher ao papel de mãe, negando seu valor como indivíduo, o que mais uma vez colabora para justificar desigualdades e violência quando há “desvios”. (BIROLI, 2016, p.63)

A reflexão sobre a “diferença sexual” posta em indagação sobre a dominação que perpetua por séculos, seja através da igreja, economia, ciência ou Estado, que apresenta a natureza e biologia como causa no fim, como pontua Monique Wittig, “*no puede ser el producto de la dominación natural, es el producto de la dominación social de las mujeres ejercida por los hombres, ya que no existe otra dominación que la social.*” (2006, p.25). Reforça que a mulher na história sempre foi caracterizada como um ser social inferior.

A mulher é resumida ao útero, sua condição física ou psicológica não é considerada, o direito sobre o próprio corpo não lhe pertence, é uma propriedade e dependendo do contexto social seu detentor passa a ser a igreja, o Estado, a sociedade, a economia, etc.

1.6 A MEMÓRIA E O *FLASH-BACK*

Normalmente o discorrer sobre a memória abarca conceitos neurológicos, psiquiátricos ou psicológicos, porém o cerne desse trabalho requer uma análise sociológica sobre a memória e as lembranças.

Quando se reflete sobre memória em geral acredita-se que nada tem ligação com outros intermediários, mas algo individual, contudo, como ponderado por Maurice Halbwachs (2006), o que se pensa ser individual é amparado na interação social. Ainda em ações sem a participação de outros indivíduos, de recordações particulares, essas memórias são coletivas; a presença pode ser solitária, individual, mas “jamais estamos sós” (2006, p.30). Afinal, como o próprio autor ressalta:

Não posso dizer que estivesse sozinho, que estivesse refletindo sozinho, pois em pensamento eu me situava neste ou naquele grupo (...). Outras pessoas tiveram essas lembranças em comum comigo. Mais do que isso, elas me ajudam a recordá-las e, para melhor me recordar, e me volto para elas, por um instante adoto seu ponto de vista, entro em seu grupo, do qual continuo a fazer parte, pois experimento ainda sua influência e encontro em mim muitas ideias e maneiras de pensar a que não me teria elevado sozinho, pelas quais permaneço em contato com elas. (HALBWACHS 2006, p.31)

A personagem ao proferir que a feição do rosto do ex-marido vai sendo perdida é integrada nesses termos, “esquecer um período da vida é perder o contato com os que então nos rodeavam.” (2006, p.37). Talvez em uma alternativa mais branda, o distanciamento com o tempo pode nos despertar certa sensação de lembrança.

Lembraremos o que sentíamos então, sem que os outros soubessem, como se este gênero de lembrança houvesse marcado sua impressão mais profundamente em nossa memória porque dizia respeito exclusivamente a nós. Neste caso, por um lado os testemunhos dos outros serão incapazes de reconstruir a lembrança que apagamos, e por outro, aparentemente sem apoio dos outros nos lembraremos de impressões que não comunicamos a ninguém. (HALBWACHS, 2006, p.39)

No caso de Gilead, a personagem June agora faz parte de um novo grupo social a qual é constantemente acompanhada de outras mulheres na mesma situação; vivenciando uma ruptura com uma estrutura anterior abrangendo daí em diante indivíduos na mesma situação: sem o direito a criação dos filhos, sem relações afetivas, ocupações ou educação, etc., trazendo consigo uma carga individual, mas estruturada no coletivo antes e pós a instauração dessa nova forma de poder. Ainda assim, no cenário das relações afetivas é possível que um

indivíduo se lembre de particularidades ou momentos que o outro não retém, isso diz respeito à espécie dessa associação.

Para a reconstrução de determinada lembrança não basta o desejo para tal, mas a interação no mesmo grupo social e na mesma sociedade, de forma que o espírito de ambos compartilha elementos comuns para existir. Em síntese, mesmo que um indivíduo crie lembranças ou viva um evento “sozinho”, se não houver a interação com outrem ou elementos sociais não haverá amparo que as preserve.

Nem sempre encontramos as lembranças que procuramos, porque temos de esperar que as circunstâncias, sobre as quais nossa vontade não tem muita influência, as despertem e as representem para nós (...) quando essa lembrança reaparece, não é consequência de um conjunto de reflexões, mas de uma aproximação de percepções determinada pela ordem em que se apresentam determinados objetos sensíveis, ordem essa resultante de sua posição no espaço. (HALBWACHS, 2006, p.53)

Ou em um momento distante, do passado que se acomoda em algum espaço que se transforma em referência despertada pelo indivíduo:

Lemos os objetos segundo essas leis que a sociedade nos ensina e nos impõe. É também esta lógica, são essas leis que explicam que as nossas lembranças desenrolam em nosso pensamento a mesma sequência de associações, pois no mesmo momento em que estamos mais em contato material encontramos no referencial do pensamento coletivos os meios de evocar a sequência e seu encadeamento. (HALBWACHS, 2006, p.61)

O recorrer às imagens do passado individual não significa certeza de completude das lembranças, seus impulsos são relacionados com o grupo e meio social ocupados no presente, desse modo as memórias retornam de maneira incompletas e fragmentadas. Outro autor concorda em alguns pontos - a memória ser um evento coletivo de construção social; ser uma formação ocasionada no passado, mas efetivada no presente; e por fim, a memória proporcionar ao indivíduo a formação da sensação de identidade – bem como elabora alguns conceitos distintos²⁶ de Halbwachs. Para Michael Pollak (1992) determinados elementos constituem a memória, seja individual ou coletiva.

Em primeiro lugar, são os acontecimentos vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria de “vividos por tabela”, ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não. (POLLAK, 1992, p.201)

A memória individual pode ser construída tanto de maneira consciente como inconsciente, a diferença se encontra em como será organizada as informações, o autor afirma

²⁶ Na perspectiva de Pollak, Halbwachs reflete sobre uma memória tida como comum e no seu aspecto positivo, sem traumas de violência simbólica ou de dominação (1989, p.3)

que “em todos os níveis, a memória é um fenômeno construído social e individualmente.” (1992, p.204). Pollak relaciona a memória e o sentimento de identidade – em aspecto superficial – constituído na memória herdada; na sensação de pertencimento único e constante, principalmente na estruturação de si. Ou seja, “a construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que faz por meio da negociação direta com outros.” (POLLAK, 1992, p.204).

Fez-se importante apresentar Halbwichs e sua percepção a qual a memória deixa de ser individual por não coabitar em isolamento, sem pertencer a um grupo social, tanto que precisa dessa relação para concepção de suas lembranças. Concebendo uma memória coletiva e individual; a individual advém de uma coletiva que se modifica conforme o contexto social que o indivíduo se encontra, isto é, o indivíduo não a concebe, mas empresta os instrumentos do coletivo. A memória individual ou memória ressignificada faz parte da atuação individual, mas é resultado das memórias do grupo em que o indivíduo vivencia ou vivenciou. Assim, o sentimento é a ligação com a memória evocada, ressuscita o passado com base também em emoções do presente, seja de imagens vívidas, modificadas, imaginadas ou fragmentadas.

No caso de Pollak, o papel do indivíduo é mais ativo na construção de suas memórias e recordações, não se submetendo por completo ao ambiente social. Já na obra de Paulo Rossi (2010) o autor apresenta o raciocínio de Aristóteles sobre a memória e como em funcionamento fabrica imagens que preenche lugares *mnemônicos*²⁷, quem consegue essa façanha tem o controle das suas vontades e da imaginação. A memória consegue retornar além de algo coletivo, para o interior do indivíduo, um revisitar de sensações, emoções e imagens:

Todos os papéis que eu havia juntado para suprir minha memória e guiar-me nesta empresa passaram para outras mãos e não voltarão às minhas. Tenho apenas um guia seguro com que posso contar e é a sucessão dos sentimentos que marcaram a sucessão do meu ser, e, por meio deles, a dos acontecimentos que foram sua causa e efeito. (...) Posso incorrer em omissões nos fatos, em transposições, em erro de datas, mas não me enganar sobre aquilo que senti, nem sobre aquilo que meus sentimentos me induziram a fazer; eis aqui a substância de tudo. (ROUSSEAU Apud ROSSI, 2010, p.96)

Contudo, quando falamos de imagens é possível analisar a lembrança construída em tela com base em outra sociologia, a do cinema, antes, convém informar que a ordem

²⁷ É um auxiliar para memorização.

cronológica das imagens analisadas será alterada neste trabalho para uma melhor compreensão do cenário, e não apresentadas intercalando com *flash-backs*.

É notável que o recurso do *flash-back* é válido para a história, conforme descreve Gilles Deleuze na obra Cinema 2 - A imagem-tempo:

Ele deve haurir sua própria necessidade de outra parte, exatamente como as imagens-lembrança devem receber de outra parte a marca interna do passado. É preciso que não seja possível contar a história no presente. É preciso, portanto, que alguma outra coisa justifique ou imponha o *flash-back*, e marque ou autentique a imagem-lembrança. (DELEUZE, 2005, p.64)

A lembrança e a imagem atual são trabalhadas em *flash-back*, um circuito considerado fechado que transita do presente ao passado e retorna ao presente.

A questão do *flash-back* é esta: ele deve haurir sua própria necessidade de outra parte, exatamente como as imagens-lembranças devem receber de outra parte a marca interna do passado. É preciso que não seja possível contar a história no presente. É preciso, portanto, que alguma outra coisa justifique ou imponha o *flash-back*, e marque ou autentique a imagem-lembrança. (DELEUZE, 2005, p.64)

Esse é um dos motivos da necessidade dos *flash-backs* na série. No contexto vivenciado, pelo avanço da narrativa e pela repressão social a personagem não tem a possibilidade de contar sua história ou introduzir os elementos vivenciados no presente ou recontá-los, essa bifurcação propicia que sua trajetória venha a ser contada. Sendo indispensável saber o que aconteceu. Como Gilead chegou até esse ponto? Quem é essa personagem que aparece em tela?

Desse modo, como compreende Béla Balázs (1983) a função da câmera ao transportar o espectador para o interior do filme, nos torna os olhos dos personagens, afinal o espectador consegue visualizar o que eles veem. Nesse contexto a personagem principal nos guia para dentro das cerimônias e por intermédio do seu olhar, pela câmera e com a montagem, conhecemos o percurso dos rituais. Isso não se resume apenas ao que a personagem principal vivencia, mas como Sergei Eisenstein contextualiza:

A força da montagem reside nisto, no fato de incluir no processo criativo a razão e o sentimento do espectador. O espectador é compelido a passar pela mesma estrada criativa trilhada pelo autor para criar a imagem. O espectador não apenas vê os elementos representados na obra terminada, mas também experimenta o processo dinâmico do surgimento e reunião da imagem, exatamente como foi experimentado pelo autor. (EISENSTEIN, 2002, p.29)

A montagem é foco de muitos autores como um dos exemplos acima, para Eisenstein, é composta por uma concepção ideológica, ou seja, em um sistema de pensamento e de estrutura reflexo da sociedade, como menciona o próprio autor:

Nós, nossa época – *agudamente ideológica e intelectual* – não poderíamos ler o conteúdo de um plano sem, antes de tudo, detectar sua natureza *ideológica*, e assim encontrar sua *justaposição dos planos o estabelecimento de um elemento qualitativo novo*, uma nova *imagem*, um novo *conceito*. (2002, p.212, itálicos do autor)

Esse é um dos motivos para o trabalho dedicar especial atenção a esses conceitos, afinal, entende-se que o visível em tela parte de um reflexo da sociedade vivenciada pelo diretor ou idealizadores da série, não podemos simplesmente lançar um senso comum sobre o que foi visionado, mas tentar compreender através de métodos e indagações das imagens, quais pensamentos intelectuais e ideológicos estão por trás de sua idealização. Contudo é importante ressaltar que para Sorlin o que podemos visionar não é o real, mas fragmentos que podem ser reconhecidos e aceitos, sendo que sem dúvida são expressões ideológicas compostas pelo “*juego de lá cámara, el montaje y los diálogos contribuye a orientar al espectador.*” (1985, p.56). A partir dessa contextualização e investigação da construção para com o nosso objeto que passamos a estabelecer quadros de análises para interpretá-los.

2 RITOS E CERIMÔNIAS

O contexto apresentado neste trabalho em sua introdução e no primeiro capítulo foi imprescindível para o entendimento do que os idealizadores do seriado ou da história pretendem contar em tela, contudo a análise a ser realizada neste capítulo abordará a construção, em especial as imagens, longe de tentar caracterizar os episódios ou enquadrar o contexto da obra em uma crítica sobre a qualidade ou falta dela.

Na tentativa de analisar as cerimônias de Gilead recorreremos a obra de Mauss (1974), em sua análise sobre os ritos; como fazem parte da tradição social, sendo indispensável que se estabeleça na crença e na existência da repetição, ou seja, caso não ocorra à repetição não há magia, sendo essencial que a crença seja compartilhada pelos indivíduos. Seguindo essa ótica, os ritos simpáticos se encaixam na categoria de mágicos ou religiosos, ambos os ritos – simpático ou religioso – são opressores, uma das diferenças são os agentes que realizam o ritual, a outra é que o rito mágico é anti-religioso. Nesse sentido se considera como religiosos os ritos: solenes, obrigatórios, públicos e regulares. Embora nos ritos religiosos as cerimônias geralmente são realizadas em ambientes públicos sabe-se que em Gilead só o início do ato determina a presença dos indivíduos da residência, contudo, alguns ritos exigem material litúrgico e faz necessário um lugar adequado, afinal, “o mínimo de qualificação que se pode exigir é que o lugar tenha uma correlação suficiente com o rito.” (MAUSS, 1974, p.83)

É essencial que ocorra uma preparação de entrada para o ritual, conforme Mauss, na magia é possível identificar “formas de ritos orais que conhecemos na religião” (1974, p.91), uma forma de prece, votos interjeições ou aspirações. A intenção do ritual é sempre clara, sua execução é implícita para os participantes, em especial por ter uma linguagem própria. Cabe mencionar que “há entre os seres e as coisas interessados no rito uma certa relação. Essa relação é às vezes concebida como sexual.” (MAUSS, 1974 p.98). Nessa relação pode haver uma confusão entre o papel dos participantes no cerimonial, adquirindo um objeto de representação, sem uma dissociação.

O autor cita James Frazer com frequência nas primeiras páginas de sua obra, em especial ao mencionar que a religião é o resultado do fracasso e erros da magia, embora a magia também ocupasse o lugar da ciência antes do seu nascimento. Independente da magia ou da religião os indivíduos são destituídos do raciocínio, eles se tornam inconscientes. Pode ser um tanto confuso a menção da magia e religião, porém praticamente não existe religioso sem os similares mágicos, como o autor menciona:

A religião é um fenômeno essencialmente coletivo em todas as suas partes. Tudo nela é feito pelo grupo ou sob a pressão do grupo. Suas crenças e práticas são, por natureza, obrigatórias. Na análise de um rito tomado como tipo, sacrifício, estabelecemos que a sociedade estava ali, em toda a parte, imanente e presente, e que ela era o verdadeiro ator, por trás da comédia cerimonial... a vida religiosa não admite iniciativa individual: nela a invenção só se produz sob forma de revelação. O indivíduo sente-se constantemente subordinado a poderes que o ultrapassam e o incitam a agir. (MAUSS, 1974, p.125)

Nesse sentido a pessoa submetida à religião tem sua lógica como pessoa/indivíduo relacionada à “noção cristã”, a ideia de uno, de uma categoria coletiva. Sobre esse aspecto que se baseia a crença no rito, não no mágico em si, mas na imagem que a sociedade cria sobre sua figura e capacidade. Independente da questão cerimonial a questão se adéqua ao que Lévi-Strauss²⁸ expõe:

Toda cultura deve ser considerada como um conjunto de sistemas simbólicos, à frente dos quais situam-se a linguagem, as regras matrimoniais, as relações econômicas, a arte, a ciência, a religião. Todos esses sistemas visam a exprimir certos aspectos da realidade física e da realidade social e, mais ainda, as relações que esses dois tipos de realidade mantêm entre si e que os próprios sistemas simbólicos mantêm uns com os outros. (2003, p.12)

Até esse momento o caráter divino e religioso é presente na narrativa acompanhada: o cerimonial exige participantes despidos de chances à objeção e crentes na magia emanando os mesmos símbolos, contudo qual seria a possibilidade em negar a participação no caso de Gilead?

2.1 DOUTRINAÇÃO

A doutrinação se inicia com mulheres sentadas em uma sala de aula no que aparenta ser um antigo ginásio de escola, no chamado Centro Vermelho ou conforme mencionado em um dos episódios, Centro Raquel e Lia²⁹. No quarto episódio da primeira temporada (12min35s) visualizamos em tela mulheres prestes a serem enviadas para famílias, então são ensinadas para a cerimônia. Em seu discurso a tia Lydia diz: “Em breve nos deixarão para

²⁸Parte da Introdução na obra de Mauss.

²⁹Lia era irmã de Raquel - personagem bíblica no livro Gênesis – e a primeira esposa de Jacó (que também se casou com Raquel). Lia não possuía o amor do marido, mas tinha o dom da fertilidade, coisa que até então sua irmã mais nova (Raquel) não tinha, assim Raquel oferece sua criada (Bila) para que o marido conceba com ela. Seguindo a irmã, posteriormente Lia oferece sua criada Zilpa, caracterizando assim, a quarta esposa de Jacó. O objetivo era que os filhos seguissem os passos do pai e preservasse a ligação com Deus, mesmo que isso significasse oferecer suas servas para a procriação e assim conseguir o maior número de filhos possível.

novos lares, novas famílias. E não te julgarão por sua aparência ou roupas, ou sua habilidade de parecer inteligente (...). Eles irão amá-las pela benção que só vocês podem dar.”³⁰

De acordo com a explicação das tias para as aias, a cerimônia é considerada como ritual sagrado, realizado uma vez por mês nos dias considerados férteis; no ato aia e esposa do comandante tornam-se uma só carne ou como diz a própria tia, “uma flor, esperando ser semeada.”³¹ A cena começa a ser acompanhada de música (13min37s) que soa inquietante, ao mesmo tempo em que a câmera foca no rosto das mulheres, tensas, com o prenúncio do que viverão todos os meses. A justificativa da própria tia quando questionada se as aias devem ter relações com a mulher do comandante presente, é o versículo bíblico, a qual é a palavra de Deus e deve ser obedecida.

No primeiro episódio no mesmo centro, uma aia relata o que aparenta ser uma ocorrência de estupro coletivo na época da escola (26min45s), porém a tia questiona quem teria provocado, quem seria a culpada. A imagem (27min18s) visionada é uma mulher “incitando” a outra a assumir a culpa pelo abuso sofrido, o primeiro plano³² são seus rostos, o fundo aparece desfocado, as demais aias são levadas a apontar o dedo na aia sentada ao centro de uma roda e inferir a culpa sobre a mesma.

Um instante (27min36s) que surpreende é o momento em que Offred recebe um tapa no rosto por não acompanhar as demais, o corte é rápido, porém filmado como se o câmera estivesse ajoelhado em sua frente, não muito baixo e nem alto o bastante para não perder sua expressão pelo ataque sofrido - não se profere uma palavra -, talvez pela surpresa da situação, por não crer em mulheres culpando a vítima, ou por ainda não ser familiarizada completamente com as regras. Após o ato sofrido (27min47s) nada mais resta a não ser se juntar ao coro que a culpa era da mulher, que se Deus permitiu que tal ato ocorresse foi devido a uma lição que deveria ser ensinada.

A imagem em si é impactante (27min53s), poderia traduzir e ser significada em muitos contextos por perspectivas distintas, mas que nesse momento são mulheres que formam um círculo apontando o dedo para outra mulher sentada ao centro, cercada – aparentemente – por sete tias, iluminadas pela luz natural de quatro janelas. Mesmo com a invasão do amarelo da luz do dia o vermelho de suas roupas consegue aparecer.

³⁰ Livre Tradução.

³¹ Livre Tradução.

³² “A primeira coisa a aparecer claramente diz respeito à principal função do primeiro plano em nosso cinema – destina-se não apenas, e não tanto, a mostrar ou apresentar, mas a significar, a dar significado, a expressar.” (EISENTEIN, 2002, p.200).

O incidente reafirma nessa fase de adaptação os castigos físicos, caso infrinjam as regras, apenas o aparelho reprodutor é preservado e fundamental, outras partes do corpo estão à disposição da punição.

2.2 MELODIA

Na visualização de uma imagem é possível que cada indivíduo considere um detalhe específico: o estilo de filmagem do diretor, a fotografia, o figurino, etc. Um recurso valioso para acompanhar a intensidade dos sentimentos apresentados em tela é a melodia. Uma técnica no contar das histórias que talvez fosse mais perceptível nos filmes mudos; mas necessária para o desenvolvimento das narrativas.

Nos momentos consideráveis o uso da música será abordado em conformidade com a análise da imagem – como na prévia acima -, no entanto é importante estabelecer que o recurso do som em “*The Handmaid’s Tale*” expressa sensações e emoções que não pode ser exteriorizada pela personagem, afinal a análise discorre sobre um sistema opressor que domina todas as ações do indivíduo. Mesmo que em algumas ocasiões músicas conhecidas por suas letras marque presença, o responsável pela criação das melodias mais marcantes da série afirma, em entrevista a *Classic FM* publicada em agosto de 2019:

The systems are the antagonist of the series, a relentless and indifferent force that is slowly disfiguring society and the inhabitants of Gilead. I thought about it like waves of sound, waves that slowly grew in volume and dissonance until it overcame the senses. This led to what we landed on as the opening theme, and also how we approached the dynamics and shaping of the orchestral elements of the score. (2019).³³

É notável como o som espaçado e minimalista de Adam Taylor consegue imprimir um cenário sombrio e a tensão que dele emana, somando uma ligação afetiva as cenas.

³³Os sistemas são o antagonista da série, uma força implacável e indiferente que está lentamente a desfigurar a sociedade e os habitantes de Gilead. Pensei nisto como ondas de som, ondas que lentamente cresceram em volume e dissonância até ultrapassar os sentidos. Isto levou ao que aterrámos como tema de abertura, e também à forma como abordamos a dinâmica e a forma dos elementos orquestrais da partitura." (Livre Tradução).

2.3 PREPARAÇÃO PARA A CERIMÔNIA

No dia da cerimônia existe uma preparação, a aia deve estar limpa; na cena apresentada no primeiro episódio da temporada (22min45s), a imagem tem como foco uma banheira iluminada pela claridade de uma janela fechada - é a única luz do ambiente, em um tom de amarelo que em degrade torna-se verde. O banho segundo entendido ocorre como forma de purificação³⁴. A cena não é filmada em plano aberto apenas vislumbramos fragmentos da aia retirando cada camada das vestes que esconde seu corpo, mesmo no momento em que adentra a banheira o plano continua fechado³⁵, agora no rosto ou na lateral do rosto da personagem, nesse momento (23min36s) conseguimos visualizar algo em sua orelha, uma marcação vermelha de identificação.

A música (23min44s) de fundo é dramática, particular da série, vai se aprofundando e aumentando sua intensidade conforme as cenas vão passando, alternando no momento do *flash-back* da personagem para uma melodia mais sentimental. É na hora do banho (24min02s) que aia se conecta ao passado, busca lembranças de sua filha e se questiona se a criança ainda se lembra dela, ela roga a Deus que sim. Os momentos que ouvimos a voz da personagem raramente são palavras pronunciadas pela sua boca³⁶, podemos considerar que a voz que escutamos emana de seus pensamentos, tudo aquilo que não pode dizer em voz alta, em seu interior tem a liberdade de fornecer resistência a tudo que lhe acontece.

A melodia atinge (25min09s) um tom mais dramático acompanhado de sinos, como se anunciasse o horário da cerimônia e depois o barulho fica mais parecido com ponteiros do relógio, um contar do tempo em que espera pelo que vem. Os cortes são sutis, apesar de não ter efeito de transição, o primeiro plano aberto que temos após a cena do banho é justamente da personagem completamente vestida (25min11s), aguardando o momento da cerimônia. O quadro apresenta uma filmagem de fora do quarto, do corredor, até a aia dentro do modesto quarto, em pé frente uma cama de solteiro; a iluminação de apenas um abajur e móveis simples. Sua postura é ereta, mãos ao lado do corpo, cabeça erguida. Embora a câmera tenha

³⁴ Com precedentes bíblicos antes de práticas religiosas: Gênesis. 35:2.

³⁵ “*Close-ups* são as imagens que expressam a sensibilidade poética do diretor. Mostram as faces das coisas e também as expressões que, nelas, são significados porque são reflexos de expressões de nosso próprio subconsciente.” (BALÁZS, 1983, p.91)

³⁶ “O não falar não significa que não se tenha nada a dizer. Aqueles que não falam podem estar transbordando de emoções que só podem ser expressas através de formas e imagens, gestos e feições... Tais emoções repousam no nível mais profundo da alma e não podem ser expressas por palavras, que são meros reflexos de conceitos, da mesma forma que nossas experiências musicais não podem ser expressas através de conceitos racionalizados.” (BALÁZS, 1983, p.78)

uma visão da aia, a iluminação não permite ver de fato sua expressão e o plano embora seja amplo não captura o corpo inteiro. A câmera (25min18s) captura detalhes do rosto até alcançar o olhar da personagem. É quando fazemos o percurso com aia até o seu destino (a câmera segue em suas costas).

2.4 O ATO

Ao chegar ao recinto a aia ajoelha-se; o lugar aparentemente é muito suntuoso, mas ao mesmo tempo opressor, talvez pela expressão da mulher, um semblante indecifrável. A aia sem se mover para ver quem adentra ao cômodo parece saber que primeiro chega a Martha, depois o motorista, ambos esperam que o ritual seja rápido para voltarem a seus afazeres. A filmagem não costuma ser em plano aberto, apenas rostos e detalhes são captados pela câmera, somente quando a mulher do comandante adentra no local é que temos um vislumbre de todos os participantes.

A mulher do comandante primeiramente se senta na poltrona e acende um cigarro antes de olhar aos demais presentes, a aia de cabeça baixa apenas direciona seu olhar a esposa quando ouve um comentário sobre o atraso dos homens. Na cena até o momento é possível identificar a superioridade da dona da casa, ela é superior aos demais e principalmente superior à aia, mesmo dependendo dela. Apenas após uma batida na porta o recinto é revelado como o quarto da mulher, mesmo o homem sendo o comandante ele deve bater antes de entrar em seus aposentos.

No quarto (29min33s) a primeira imagem clara do comandante parece ser filmada de baixo para cima, dando a impressão de grandiosidade, o homem que irá libertar a palavra bíblica com suas chaves, contudo também a câmera pode fornecer a visão da altura que a aia se encontra ajoelhada. Os movimentos do homem parecem ser ensaiados e lentos para chamar e prender a atenção, principalmente quando limpa a garganta e declara que a cerimônia irá começar (29min33s). Nesse momento uma melodia (Onward, Cristian Soldiers) peculiar de cultos religiosos - dotados de um tom calmo e “divino” - se divide com as imagens.

A retirada da bíblia do recipiente (29min52s) é construída em ritmo ritualístico, como se o tempo para esse acontecimento não careça de pressa, quase cronometrado. A imagem (30min16s) se concentra por alguns segundos na mulher do comandante, nele e na aia, no momento em que começa a citar a bíblia, em paralelo a música (30min31s) atinge uma melodia mais grave.

As palavras da bíblia citadas pelo comandante e vislumbradas durante o ato cerimonial é a seguinte:

Vendo Raquel que não dava filhos a Jacó, teve inveja de sua irmã, e disse a Jacó: Dá-me filhos, se não morro. Então se acendeu a ira de Jacó contra Raquel, e disse: Estou eu no lugar de Deus, que te impediu o fruto de teu ventre? E ela disse: Eis aqui minha serva Bila; coabita com ela, para que dê à luz sobre meus joelhos, e eu assim receba filhos por ela. Assim lhe deu a Bila, sua serva, por mulher; e Jacó a possuiu. E concebeu Bila, e deu a Jacó um filho. (Gênesis 30:1-5, 1978, p.77)

Não podemos precisar se há alguma citação além dos versículos mencionados, já que o próximo corte é o rosto da aia, seus olhos sem qualquer expressão, a cor de sua pele com o adereço branco que usa em sua cabeça quase se igualam na mesma coloração, um amarelo quase verde, quase refletindo a cor das vestes da mulher do comandante, sem um plano aberto visualizamos a cor vermelha de sua roupa, seu corpo vestido sendo invadido por um homem de vestes pretas. Mesmo no ato a postura de comandante não se desfaz, como se estivesse sendo analisado pelo governo. O primeiro contato que temos com a sua mulher é pela mão com a aliança que segura os pulsos da aia, tendo ela entre suas pernas se movimentando conforme seu marido exerce sua função.

A expressão³⁷ da aia é de alguém vazia, olhando para o teto, mas não enxergando nada. Seus olhos não piscam. Seu rosto cede lugar ao seu corpo sendo invadido, com suas vestes presentes (30min44s), durante o ato não há nenhuma expressão de animosidade ou satisfação. A música é interrompida (31min42s) ao mesmo tempo em que a cerimônia acaba. Vemos uma mulher primeiramente escondida na escuridão ao ser filmada de cima, uma mulher perdida nos pensamentos que a situação toda lhe causa. Todos estão exercendo seu papel nesse governo, independentemente da posição do homem envolvido na ação, ele também exerce sua função, e após finalizar com sua obrigação se limpa e deixa o recinto sem nenhuma palavra. As mãos da mulher que seguravam os pulsos da aia com força agora o soltam, é possível ver as marcas pelo aperto, a saia sobre a qual a cabeça da aia pousava foi puxada. A aia é deixada em sua posição, sem qualquer tipo de expressão até ser expulsa pela dona do quarto, na cena presenciamos duas mulheres presas, que estão a mercê do Estado de Gilead. Ambas perdidas em seus próprios demônios.

³⁷ “A expressão facial é a manifestação mais subjetiva do homem, mais subjetiva até mesmo que a fala, pois tanto o vocabulário quanto a gramática estão sujeitos a regras e convenções mais ou menos válidas universalmente, enquanto que a combinação das feições, como já foi dito, é uma manifestação não governada por cânones objetivos, embora seja principalmente uma questão de imitação. Esta, que é uma das manifestações humanas mais subjetivas e individuais, é concretizada no *close-up*.” (BALÁZS, 1983, p.93)

A montagem do recorte escolhido para essa análise foi estruturada de maneira que seja possível compreender a importância do ritual para o contexto da obra sem ser explícita, ou precisar de planos abertos ou um desenvolvimento com mais tempo de tela para compreensão.

No segundo episódio (01min00s) é possível ter a mesma perspectiva da aia enquanto está deitada na cama, alternando com a imagem de um lustre elegante, o teto na cor azul, com desenhos de pássaros e flores. Sua expressão é acompanhada por uma narração a qual ela relaciona as cores do teto com referências anteriores (a Gilead), sem vínculo com a cerimônia. A câmera que filmava a aia de ponta cabeça, posição contrária, vai mudando pela vertical e virando lentamente, (01min34s) intercalando com imagens³⁸ e detalhes do lustre. O único momento que expressa um sorriso na cerimônia é quando menciona o nome da filha em sua mente, a câmera neste momento alcança seu rosto (01min37s).

Em 01min44s, a imagem é significativa, uma mulher olhando para cima, deixando-se pensar em tudo menos no ato, a esposa olhando para o lado esquerdo e seu marido para o lado direito, ninguém se olha, cada um em uma altura diferente, o homem no topo, seguido por sua esposa e a aia. O ambiente é luxuoso, acolhedor, porém como a cena é construída passa uma sensação de tensão e sufocamento. No quarto episódio, é possível reconhecer que o homem não precisa justificativas (ou dizer qualquer palavra) para não cumprir o cerimonial em sua totalidade.

2.5 O NASCIMENTO

Não é possível compreender com profundidade o cenário desse Estado se ignorarmos um dos fatores que origina tudo, a que se baseia essa sociedade: o nascimento, o acontecimento idealizado. A qual parece um evento de reunião e socialização das mulheres dos superiores, com muita comida e bebida. Enquanto a mulher que receberá a criança da aia grávida age como se sentisse as contrações do parto, em um cômodo amplo, requintado, banhado pela luz do sol que contrasta com suas vestes azuis - quase verdes por causa do amarelo -, a vontades em seu próprio espaço. Ao mesmo tempo, as aias são reunidas em um quarto aparentemente grande, mas não o suficiente para receber tantas mulheres. Ao contrário

³⁸ “Cabe ao diretor, se assim o desejar, fazer com que o espectador sinta a continuidade da cena, sua unidade no tempo e no espaço, mesmo que, para a orientação do espectador, ele ainda não tenha mostrado, nenhuma vez a imagem total da cena.” (BALÁZS, 1983, p.88)

do recinto das mulheres dos comandantes o quarto que acomoda as aias carrega uma aparente tensão, umidade, temperatura elevada e barulho.

Quando é chegada à hora do nascimento, a aia é sentada em uma cadeira, não existe qualquer médico, cesárea ou medicamentos, isso também se caracteriza em uma passagem bíblica de Deus punindo Eva e Adão por ter sucumbido ao fruto proibido: "E à mulher disse: Multiplicarei grandemente a tua dor, e a tua conceição; com dor darás à luz filhos; e o teu desejo será para o teu marido, e ele te dominará." (Gênesis 3:16).

A esposa, dona da casa é sentada atrás da aia prestes a dar à luz, como se as duas sentissem as mesmas dores, um exercício que se assemelha ao ato cerimonial quando a aia fica entre as pernas da esposa, simbolizando o mesmo corpo. Quando a criança nasce gera a apreensão se nasceu saudável ou se está viva, já que a expectativa é de um nascimento com sucesso a cada cinco. A unidade das mulheres dura apenas no momento do nascimento, a criança não é segurada pela mulher que a gerou, mas levada até a que será considerada sua mãe perante a sociedade de Gilead, que a nomeia (25min20s).

A imagem filmada de cima (26min10s) mostra uma mulher que acabou de dar à luz e viu sua filha entregue a outra, que será rotulada como sua mãe, ser consolada pelas aias (26min30s) em um abraço coletivo.

2.6 O MARKETING

A série apresenta o raciocínio do que aparenta ser um dos idealizadores do sistema no oitavo episódio da temporada (05min54s), a princípio ele argumenta como o ócio é capaz de destruir famílias ao dialogar com um indivíduo no *flash-back*, antes da transformação da sociedade em Gilead. Segundo o homem encontrar ocupação em uma sociedade que apenas tem o foco em lucros e no prazer é uma tarefa árdua, sendo esse o motivo de Deus estar penalizando os indivíduos, não permitindo nascimentos, por não desejar que habitem em um mundo destruído. Cita a existência de um grupo que almeja limpar o país, com sede em trinta estados, reafirmando a denominação do grupo: Filhos de Jacó.

No mesmo episódio é possível “presenciar” o diálogo entre indivíduos sobre como tratar as aias (17min28s), a qual é preciso fechar os olhos para o passado e devotar a elas respeito pelo propósito prestes a desempenhar em Gilead. O apoio que os homens de alto nível precisam é o das suas mulheres:

Guthrie: A raça humana está em risco. O que importa é a eficiência (...) Todas as mulheres férteis devem ser coletadas e engravidadas. Pelos de maior status.
 Fred: As esposas jamais aceitariam (...) não conseguiríamos sem o apoio delas.
 Pryce: Talvez a esposa devesse estar presente. Para o ato. Não seria tanta violação. Há precedente bíblico.
 Fred: “Ato” talvez não seja o melhor nome. Em termos de marketing. A “cerimônia”?
 Guthrie: Melhor. Bom e divino. As esposas aceitariam essa besteira. (Livre Tradução).

Aparentemente o divino em Gilead não se estrutura apenas na cerimônia, mas no marketing, ou melhor, na propaganda totalitária.

2.7 A RESISTÊNCIA

Um de nossos interesses agora se concentra de certa forma em como os indivíduos reagem aos constantes ataques dessa nova forma de governo para despi-los de toda bagagem da civilização antes vivenciada.

Sendo que os acontecimentos experienciado em determinada sociedade compõe o sujeito e a diferença encontra-se no modo que as determinações são construídas, captadas e transformadas, isso que os caracteriza e individualiza. Segundo Karl Marx (1993), o homem social:

[...] por muito que seja portanto um indivíduo particular e, precisamente, a sua particularidade faz dele um indivíduo e uma comunidade (*Gemeinwesen*) individual real – é tanto a totalidade, a totalidade ideal, a existência subjectiva para si da sociedade sentida e pensada como também existe na realidade, quer como intuição e fruição real da existência social, quer como uma totalidade de exteriorização humana de vida. (MARX, 1993, p.95)

A individualidade assegura ao indivíduo a diferença e escolhas de como se viver a vida. Para Zygmunt Bauman (1998) não é possível considerar um ponto de formação do indivíduo, ele nunca é, apenas vive em processo para completude; sendo de sua competência desvendar sua capacidade e fazer o melhor uso dela para melhor lhe servir. Georg Simmel (1998) analisou que a liberdade individual é perceptível na interação de indivíduos sociais, originando a cultura objetiva e proporcionando a diferenciação entre indivíduos, grupos e sistemas sociais, tornando complexa a vida em ambientes urbanos. O intuito ao escrever sobre a individualidade é retratar um aspecto citado algumas vezes no decorrer do seriado: a resistência.

É nítida a transformação que ocorreu na sociedade de Gilead, porém quando um ser humano “desenvolve sua individualidade”, possui direitos e é interlocutor de suas vontades em uma realidade completamente diferente e vê sua vida transformada abruptamente pode haver a adaptação, aceitação ou a negação em se viver nesse novo mundo. O papel mais

difícil cabe a mulher ao ser reduzida à agente de procriação, sem liberdade e autonomia quando se trata do seu próprio corpo.

O Estado esvazia qualquer chance de preservar a individualidade, sem tempo para assimilar o choque ou viver o luto por tudo que foi perdido. Como cita Peter Berger:

A sociedade é a guardiã da ordem e do sentido não só objetivamente nas suas estruturas institucionais, mas também subjetivamente, na sua estruturação da consciência individual. É por esse motivo que a separação radical do mundo social ou anomia, constitui tão séria ameaça ao indivíduo. O indivíduo não perde, nesses casos apenas os laços que satisfazem emocionalmente. Perde a orientação na experiência. Em casos extremos chega a perder o senso de realidade e identidade. Torna-se anômico no sentido de se tornar sem mundo. (BERGER, 1985, p.34)

Ou seja, quando se trata de ritos e cerimônias fica nítido que pode haver rupturas no âmbito social em determinadas fases da vida, mas em casos extremos como os de Gilead, pode levar ao suicídio, o que para Simmel:

A morte exerce a sua ação sobre cada um dos seus conteúdos e dos seus momentos; a qualidade e a forma de cada um deles seriam outras se lhes fossem possível sobrepor-se a esse limite imanente (...) Não somente cada passo da vida nos aproximaria da hora da morte, mas seria positivamente e a priori modelado por ela, que é um elemento real da vida. E essa modelagem é então determinada ao mesmo tempo pela avitalção da morte: Na verdade, pena e prazer, trabalho e repouso e todos os nossos comportamentos considerados naturais, são uma fuga instintiva ou consciente da morte. (SIMMEL, 1998, p.178-179).

A expressão suicídio advém de *sui caedere*, significando matar se. Tudo que envolve o assunto é um tabu e são poucos os estudos sobre o tema, mesmo com índices expressivos do ato no mundo contemporâneo. Alguns condutivos podem levar ao suicídio, porém nesse trabalho acreditamos que a perda da liberdade individual e as rupturas com a realidade anterior, além dos constantes estupros vividos pelas mulheres seja a alavanca, como em um ato de “libertação”.

De acordo com Émile Durkheim o suicídio é "todo o caso de morte que resulta, direta ou indiretamente, de um ato, positivo ou negativo, executado pela própria vítima, e que ela sabia que deveria produzir esse resultado" (1982, p.16). Para Arthur Schopenhauer (2005), o suicídio não significa que o sujeito deteste a vida, caso pudesse escolheria viver, porém há forças maiores que seus desejos. No que se refere a Friedrich Nietzsche, o suicídio é uma escolha caso realizado em uma circunstância correta, ou “admitir que a morte no tempo certo”, onde "a ideia do suicídio é um potente meio de conforto: com ela superamos muitas noites más." (2001, p.91). A articulação de Gilead sobre os corpos age de modo que até o ímpeto de tirar a própria vida é desapossado do indivíduo.

Embora existam casos de suicídio em Gilead e de acordo com Hannah Arendt (2013) são presentes em sociedades totalitárias, não é possível considerar como única alternativa

utilizada pelos indivíduos; mesmo perante todos os ataques para aniquilar as individualidades muitos não sucumbem a esse tipo de coerção e dominação, encontrando outros mecanismos de resistir.

Para Alfredo Bosi (2002) o conceito do termo resistência começa a ser desenvolvido a partir de 1930, como forma de enfrentamento por parte dos intelectuais ao nazismo, salazarismo e franquismo:

Resistência é um conceito originariamente ético, e não estético. O seu sentido mais profundo apela para a força da vontade que resiste a outra força, exterior ao sujeito. Resistir é opor a força própria à força alheia. O cognato próximo é *insistir*; o antônimo familiar é *desistir*. (2002, p.118)

O sentimento de não desistir frente ao opressor, a oposição “extralegal”, na perspectiva de Norberto Bobbio (2004), compreende a resistência como um ato de rompimento com a ordem em vigor, não submetendo sua obediência para o que seja “socialmente aceito”. Sendo incoerente enumerar tipos de resistência, uma vez que existem várias formas de se contrapor; seu ato não é obrigatoriamente acompanhado do uso da violência, mas “não é incompatível com o uso da violência, a violência do contestador, ao contrário, é sempre apenas ideológica.” (BOBBIO, 2004, p.62). No entanto é suposto que o detentor do poder em vigência concentra a maior parte da ideologia social, e o custo de ir contra essa força é, em geral, a aniquilação.

Nas história é identificável que ainda há uma guerra em iminência, porém as próprias imagens relatam que os primeiros ataques classificados como terroristas que dizimaram o governo anterior em Gilead foi causado por aqueles que agora são os superiores desse sistema, então, em primeiro momento não é evidente se de fato existe uma guerra ou se são opositores a esse governo. Afinal, dentro dos muros que cercam a cidade os corpos daqueles que vão contra as leis continuam sendo pendurados, levando-nos a reflexão que embora essa nova realidade consiga se estruturar existem forças que atuam contra suas concepções, como o próprio Foucault defende, se existe o poder, haverá a resistência e para resistir, “é preciso que a resistência seja como o poder... tão inventiva, tão móvel, tão produtiva quanto ele”. (2014, p.241). É possível ir contra o poder e subverter o modo de dominação. De certo modo a existência do poder é dependente da resistência, ambas são produções contemporâneas. A autora Judith Revel (2005) faz uma leitura sobre Foucault a qual categoriza:

A resistência se dá, necessariamente, onde há poder, porque ela é inseparável das relações de poder, assim, tanto a resistência funda as relações de poder, quanto ela é, às vezes, o resultado dessas relações; na medida em que as relações de poder estão em todo lugar, a resistência é a possibilidade de criar espaços de lutas e agenciar possibilidades de transformação em toda parte. (FOUCAULT apud REVEL, 2005, p.74)

A intenção em recorrer às imagens fez-nos questionar se os indivíduos conseguem resistir: ao barganhar no momento em que uma gravidez, no planeamento de uma fuga, na articulação da queda dessa forma de governo entre os indivíduos de posição inferior na hierarquia social. Ou se o suicídio é o caminho mais imediato para a “liberdade” de um sujeito que antes se considerava autónomo e espontâneo. Leva-nos a consideração, se existe a possibilidade de ascensão de governos totalitários ou autoritários que usam das relações para dominar e subjugar os corpos, existe a possibilidade de superação e/ou esperança de liberdade no sentido de reverter à atual situação.

2.8 ESTADOS UNIDOS

No início do seriado pensar sobre o golpe sofrido nos Estados Unidos pode levar a certeza de sua extinção absoluta. No entanto, à medida que acompanhamos o desenrolar da história é descoberto que as estruturas administrativas o resguardam agora como um governo em exílio, localizado no Alasca. A tomada do território americano não foi vitoriosa em sua totalidade, algumas extensões em resistência armada a Gilead permanecem, tal como a preservação de sua bandeira original com cinquenta estados, contudo, quarenta e oito deles sob o “controle” dos Filhos de Jacó. É subentendido que sua capital agora é em Anchorage, no Alasca e o outro Estado remanescente sendo o Havaí. O consulado instaurado em Toronto no Canadá refere-se à comunidade americana refugiada como *Little-America*.

Um mapa de toda a extensão de Gilead é exibido no final da segunda temporada da série, e por seu intermédio nota-se que a guerra referida em alguns episódios pertence a zonas em conflito combatidas por guardiões³⁹ contra rebeldes⁴⁰ e soldados americanos. A centralização do controle da República de Gilead - nos relatos apresentados na série sobre o local dos “ataques terroristas” é sabido que os alvos são: Casa Branca, Congresso e o Supremo Tribunal – é localizada em Washington D.C.

No mapa de Gilead é possível observar que a região do meio-oeste e sudoeste americano é um território crítico devido à contaminação química, marcados por símbolos radiativos. O mapa exhibe conflitos e até o domínio de forças rebeldes no Texas, Califórnia,

³⁹ “Guardians of the Faithful and American soldiers still fight with tanks in the remains of Chicago.”*

*“Guardiões dos fiéis e soldados americanos ainda lutam com tanques nas ruínas de Chicago.” (Livre Tradução).

⁴⁰ Texas e Califórnia (ex-E.U.A)

Michigan, Nova York, Nova Inglaterra, Maine, New Hampshire e locais próximos a fronteira com o Canadá.

No desenvolvimento do trabalho citamos a incerteza quanto ao relacionamento exterior de Gilead em relação aos demais países. Todavia o que foi manifesto é o posicionamento dessa relação com os Estados Unidos como então aliado do governo canadense, embora também exista o diálogo com Gilead. Quanto ao Reino Unido é subentendido que são apoiadores dos Estados Unidos, da mesma forma que China e a Índia, os dois últimos provendo auxílio financeiro para retomada do território americano. A própria (ONU) Organização das Nações Unidas se opõe à Gilead.

2.9 MAY-DAY

No entendimento popular o termo é usado em situações de risco, um código derivado do francês “*venez m’aider*” uma palavra curta e eficaz no momento de emergências aéreas ou marítimas. A expressão na série faz referência a um grupo secreto e clandestino que faz resistência a Gilead. Há ínfimas informações sobre como opera no território de Gilead, não se sabe quem são seus membros, quantos são e como contactá-los. Fica implícito que qualquer indivíduo pode fazer parte do grupo, independente do círculo atribuído. Em compensação é usado a mesma tática do sistema a qual combatem, são indivíduos sem conhecimento do todo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Eu espero que o caminho até esse momento tenha sido proveitoso, talvez seja complexo compreender porque em determinados pontos alguns conceitos parecem se repetir, quiçá é verdade e no fim a intenção nos guie para o mesmo destino, mas utilizando caminhos distintos. Agora pretendo esclarecer o motivo ou o modo que fui descobrindo a necessidade de investigar cada ponto manifesto neste trabalho.

Decerto a questão não foi apenas responder se a forma de governo que Gilead apresenta é totalitária, em especial quando na construção das imagens visionadas as pessoas daquele contexto vivenciam os mesmos problemas culturais, étnicos, raciais e de classe, em uma roupagem mais agravada. Longe de invalidar a forma totalitária dessa sociedade, a instauração se adéqua nos símbolos apresentados no decorrer do trabalho, contudo, sua sobrevivência se constitui amparada além dessa força opressora religiosa, mas no poder, que tenta extinguir e inviabilizar as “diferenças” que se destacam no decorrer das décadas. Em uma tentativa de converter o corpo social, com personalidades distintas e modos de vida que se distanciam dos referenciados na bíblia e na rotulada “família tradicional”, em uma única unidade.

Gilead é uma forma de poder que ascende como a salvação perante o caos mundial, traz consigo a palavras do Senhor para apresentar e provar o erro dos habitantes, sua propaganda é eficiente, porém antes se estruturou no conhecimento para não proporcionar aos demais outra saída; aniquilou todas as opções de resistências dos governos anteriores, instaurou o medo e só então se revelou. É um poder que se legitima com o argumento de resguardar vidas, fazendo inicialmente jus ao papel de Estado, e mesmo com algumas tentativas de manifestação contrárias foi instaurado pela fé da maioria, na crença da propaganda e na eficácia da magia que livraria a todos do profano.

A personagem da série passa pelo o que Foucault considera como instituição de sequestro, uma forma disciplinar que retira o indivíduo do meio social e o interna para uma nova adequação. O indivíduo impedido de se proteger pelo uso da liberdade pessoal, desviado de seu caminho natural, torna-se passível de manipulação. Sua “individualidade” foi excluída a partir do seu doutrinamento nos ditames do novo poder, sendo configurada a forma determinada. Transformou cidadãos em corpos submissos e produtivos através de métodos disciplinares para conseguir dominar com maior eficácia sua massa subserviente. Além de sofrer em seu corpo os castigos como forma de adestramento, são as mulheres que carregam a responsabilidade de prover a salvação da Nação.

A sociedade precisa renunciar aos prazeres e a ganância, entretanto sem o apoio dos demais cidadãos e principalmente das esposas dos homens de maior status esse planejamento nunca iria adiante. Como há precedentes bíblicos a denominação de cerimônia foi proposta, o marketing, embasado no celestial e nas escrituras bíblicas, argumentos aceitáveis para o adestramento da massa. Desenvolvendo o ritual e incluindo as esposas apenas para corroborar a argumentação e garantir que os estupros pudessem ocorrer todos os meses a uma quantidade de mulheres que não é possível até o momento apresentar um número nesse trabalho.

Sem dúvida o ato que promove a coesão nessa sociedade é o ritual, que envolve diferentes núcleos familiares, a qual “toda sociedade” clama pelo sucesso desses ritos. Contudo não podemos ignorar o fato que as mulheres denominadas como aias são estupradas mensalmente, são prisioneiras de um sistema que possibilita a escolha: morrer em um campo de trabalho com altos níveis de radiação ou a violação de seus corpos. São indivíduos marcados como gado, que sofrem represálias físicas e psicológicas, sem esperança de mudanças ou fuga.

Em tela vemos um indivíduo ser diminuído a cada cerimônia, a cada estupro consentido por um poder que a silencia, enquanto era ensinada sobre a união feminina, mas não foi informada que essa unidade duraria instantes, ou sobre a existência de uma hierarquia feminina e mesmo entre suas semelhantes possa ser denunciada caso faça algo que infrinja as normas. No fim, é uma mulher que segura seus braços enquanto um homem viola seu corpo.

Nas imagens presencia-se a punição com o castigo físico em homens de alto escalão, mas a diferença com as mulheres é que os seus cargos são preservados, enquanto o “oposto” são “rebaixadas” do posto a que essa sociedade considera vantajoso. E os homens em hierarquias inferiores são eliminados. O discurso propagado não funciona com esses indivíduos de maior poder, em frequência burlam as leis que instauraram. Com base na perspectiva da personagem, e no nosso recorte, é possível questionar Gilead como hostil a presença de homens negros em posição de comandantes. É presente a figura da mulher negra como aia, Martha e até da criança, mas a do homem em nenhuma posição de poder.

As mulheres, independente de sua posição social em Gilead são submetidas, em verdade, as legislações masculinas. O homem em seu status de superior deve ser soberano em todas as áreas sociais, exceto quando as atividades se referem aos afazeres domésticos e a procriação. Qualquer trabalho não executado pelo homem é destituído de valorização social; ao homem todo crédito do sucesso, a mulher a validação pelo fracasso. A lei regula todas as esferas sociais, com a certeza da preservação dos direitos dos dominantes. A liberdade de decisão é um tipo de poder que apenas os dominantes em Gilead podem desfrutar. A própria

questão da disciplina abordada pode ser relacionada com os ritos e cerimônia por seguir normas e procedimentos que são incorporados pelos indivíduos em determinado espaço social.

Nossa indagação não teve o objetivo profetizar esse futuro para nossa sociedade, no entanto os fragmentos investigados são essenciais para uma auto-análise. Afinal, na história da humanidade não é difícil encontrar indivíduos que depositam suas crença em determinada promessa de salvação perante as adversidades vividas. Uma necessidade de encontrar a completude no outro; os salvadores de Gilead é um modelo que detém as respostas para um problema calamitoso. Os indivíduos encontram em suas promessas religiosas esse apoio para sobrevivência. A propaganda convence, mas quiçá, sozinha não seja suficiente para esclarecer as questões da sociedade e do indivíduo frente aos problemas que o próprio ocasionou. Mas o conforto no uso das práticas conservadoras não é novidade.

O incômodo com Gilead é perceptível por ser uma distopia tão distante de como estamos ou para onde vamos como sociedade? Na história há quanto tempo somos submetidos a essas relações de poder que define nossos papéis. Consideraria um cenário inimaginável se na atualidade as mulheres ainda não tivessem medo ao sair de suas casas e não saber se vão retornar em segurança. Isso talvez seja básico e incompreensível, em especial se o leitor não vivenciar essa realidade. Na primeira temporada da série temos esse exemplo elucidado pela personagem que cita “homens têm medo de que as mulheres riam deles. Mulheres têm medo de que os homens as matem.”. Em outros exemplos além do abuso físico e psicológico testemunhamos a mutilação genital, estupro, casamentos com crianças, proibição do acesso à leitura, ao emprego, a culpabilização da vítima, etc., no fim, nossa “realidade” é tão distante que se uma breve pesquisa incluir qualquer um desses casos presentes em Gilead não será encontrado na atualidade? Se uma mulher “fosse” eleita ao maior cargo federativo seu mandato será considerado na mesma balança que o dos homens? Quantos pensam como Gilead hoje? Quantos menosprezam a figura feminina? Se incluirmos outros questionamentos como o envelhecimento populacional mundial ou a elevação do desmatamento, é tão surreal pensar sobre como as intervenções, em especial como o Estado vai regular sobre os corpos?

Através da nossa análise falamos de Gilead como uma distopia, porém até que ponto podemos continuar afirmando isso, talvez nossa sociedade não tenha a equivalência de Gilead e ainda temos nossos direitos individuais básicos, mas não podemos fechar os olhos para o nosso meio social, para a contínua objetificação do corpo feminino, aos crescentes números de violência contra a mulher. Nas leis que vigoram sobre as escolhas dos corpos sendo

definidas por homens. Em mulheres no mundo sem o direito à escola, submissas a própria existência e longe da emancipação individual. Até que ponto existe a segurança ou garantia de direitos que foram conquistados ou mesmo a esperança de que outros possam ser. Quiçá, as interrogações possam confundir sobre a finalidade; longe de almejar despertar o medo, mas o processo surgiu de uma narrativa, das imagens e todo esse mapa foi sendo formado com questões que valem a indagação.

Testemunhamos duas forças de um mesmo lado oprimido dessa hierarquia, mas ainda assim em níveis distintos. Uma mulher que almeja com tanto afincado ser mãe que não percebe o custo desse feito. Em seu caso Gilead é um meio para isso, contudo, os interesses políticos não vão deixá-la criar e educar uma criança em sua idealização de maternidade, o que se estruturou vai além do que almejou. E no fim, sua filha será como todas as outras mulheres, obrigada a se casar em pouca idade, seu corpo será violado, sempre inferiorizada, sem a consciência, já que tudo será naturalizado e o discurso imposto prevalecerá. No outro extremo, uma mulher que repudia essa sociedade com todas suas forças, tudo lhe foi tomado, sua *persona* foi destituída de tudo que compreendia como direitos, liberdade e a individualidade. Nesses termos são várias ondulações, como as melodias indo do emotivo ao sombrio, caminhando entre as linhas em se tornar um receptáculo vazio de qualquer vontade, acreditar no discurso proferido, o suicídio ou se opor.

A resistência aqui não acontece em um levante ou magicamente, mesmo em gestos sutis ela está presente, o simples ato de pronunciar um nome e se reconhecer como indivíduo e não uma propriedade alheia, já revela que esse estado não é tão inabalável quanto deseja aparentar. Afinal, não é do incômodo pessoal que pode efervescer todo um exército de revolucionários? No entanto, como se luta quando o “poder” não está a seu favor? A batalha é em âmbito intelectual ou física? Ambos, talvez, o certo é que todo ato gera perdas e consequências, em algum momento pode-se obter sucesso ou ter que continuar lutando, e se tiver sorte não será vitimada no processo. Questionar como orquestrar qualquer ataque contra um Estado nos moldes de Gilead, convém afirmar que não será com base nas leis, o mais provável é uma futura revolução, afinal, suas estruturas não são tão inabaláveis como sua propaganda a vende.

A sensação de sufocamento e estranhamento, provocados pela obra é extremamente relevante para que os indivíduos - independente de gênero - com acesso ao que assistimos possam se questionar sobre a sociedade em que vivem e um debate seja iniciado. Talvez possa ser exageradamente esperançoso que a obra venha a mudar comportamentos, ou que o espectador tenha o mesmo ponto de vista que os descritos nesse trabalho, mas isso reforça

mais uma vez a necessidade da interpretação das imagens de obras cinematográficas ou televisivas, através da escrita. Poder deixar registrado o impacto que a obra causa é um dos primeiros passos que podemos dar.

Que a força presente em nossas relações origine um poder capaz de se assemelhar aos que tentam diminuir vidas em meras estatísticas. E mesmo que a batalha seja árdua que não nos deixemos reduzir a meros fantoches ou receptáculos das vontades alheias.

REFERÊNCIAS

- ARENDDT, Hannah. Origens do totalitarismo. São Paulo: Companhia de Bolso, 2013.
- ARNHEIM, Rudolf. Arte e percepção visual: Uma psicologia da visão criadora. São Paulo: Pioneira, 2002.
- ATWOOD, Margaret. O conto da aia. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.
- _____. Os testamentos. Rio de Janeiro: Rocco, 2019.
- ÁVILA, M. B., 1993. Modernidade e cidadania reprodutiva. Revista Estudos Feministas, 1:382-393.
- BALÁZS, Béla. O homem invisível (1923) – Org. Xavier, Ismail, in: A experiência do Cinema. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.
- BAUMAN, Zygmunt. O mal-estar da pós-modernidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- BEAUVOIR, Simone de. O segundo sexo. Tradução: Sérgio Millet. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BERGER, Peter L. O dossel sagrado. São Paulo: Paulus, 1985.
- BÍBLIA. 25ª edição. São Paulo: Editora Ave Maria, 1978.
- BIROLI, Flávia. Aborto, justiça e autonomia. In. BIROLI, Flávia; MIGUEL, Luiz Felipe. Aborto e democracia. São Paulo: Alameda, 2016, pp. 17 - 46.
- BOBBIO, Norberto. A era dos direitos. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 8ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.
- BORRILLO, Daniel. Meritum. O sexo e o Direito: a logica binaria dos gêneros e a matriz heterossexual da lei. *Meritum*. Belo Horizonte – v. 5 – n. 2 – p. 289-321 – jul./dez. 2010.
- BOSI, Alfredo. Narrativa e resistência IN Literatura e resistência. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

BUTLER, Judith. A vida psíquica do poder: teorias da sujeição. Tradução Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

_____. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CONNELL, Raewyn. Gênero: Uma perspectiva global, São Paulo: nVersos, 2015.

DELEUZE, Gilles. Cinema 2 - A imagem-tempo. Tradução de Eloisa de Araújo Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 2005.

_____. Cinema 1 – A imagem-movimento. Tradução de Stella Senra. São Paulo: Editora 34, 2018.

DURKHEIM, Émile. O Suicídio: Um Estudo Sociológico. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

EISENSTEIN, Sergei. A forma do filme. Tradução Teresa Ottoni. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

_____. O sentido do filme. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

FEDERICI, Silvia. Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Elefante, 2017.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder, 28 ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2014.

_____. História da sexualidade. I – A vontade de saber. 13 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

_____. Não ao sexo rei. In: MACHADO, R. (Org.). Microfísica do Poder. Rio de Janeiro: Edições Graal Ltda., 2004.

_____. Segurança, território, população: Curso dado no Collège de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008a.

_____. Vigiar e Punir: Nascimento da prisão. 41 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

GORDIN, Michael D.; TILLEY, Helen; PRAKASH, Gyan. Utopia/dystopia : conditions of historical possibility. New Jersey: Princeton University Press, 2010.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Centauro, 2006.

HOWELLS, Coral Ann. The Cambridge Companion to Margaret Atwood: Cambridge University Press, 2006.

LEFORT, Claude. A invenção democrática: Os limites do totalitarismo. São Paulo: Brasiliense, 1983.

LOSURDO, Domenico. Para uma crítica da categoria de totalitarismo. Campinas: Unicamp, 2006.

MARX, Karl. Manuscritos Económico-Filosófico de 1844. Lisboa : Edições Avante, 1993.

MAUSS, Marcel. Esboço de uma teoria geral da magia. In; Sociologia e Antropologia, São Paulo, Cosac&Naif, 2003.

_____. Sociologia e Antropologia. São Paulo: E.P.U./E.D.U.S.P, v.1, 1974.

MEAD, Margaret. Sexo e temperamento. São Paulo: Perspectiva, 2015.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: Estudos históricos, Rio de Janeiro, vol.5, n.10, 1992, p.200-212.

_____. Memória esquecimento, silêncio. In: Estudos históricos, Rio de Janeiro, vol.2, n.3, 1989, p.3-15.

POPPER, Karl R. The open society and its enemies. Vol 1. 5ª ed. Plato, 1974. ISBN 0-691-01968-1, 0-691-01972-X

REVEL, Judith. Michel Foucault: Conceitos essenciais. Tradução de Carlos Piovezani Filho e Nilton Milanez. São Carlos: Claraluz, 2005.

RICOEUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2007.

ROBLES, Martha. Mulheres, mitos e deusas. 3ª ed. São Paulo: Aleph, 2019.

ROSSI, Paulo. O passado, a memória, o esquecimento, São Paulo: Editora da Unesp, 2010.

RUBIN, Gayle. Pensando sobre sexo: Notas para uma teoria radical da política da sexualidade. *Cadernos Pagu*, Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, n. 21, p. 1-88, 2003.

SAINI, Angela. *Inferior é o caralho*. Rio de Janeiro: Darkside books, 2018.

SIMMEL, Georg. A metafísica da morte. In: *Política e trabalho*, n. 14. João Pessoa: PPGS/UFPB, setembro de 1998.

SCOTT, Joan. *Gender: A useful category of historical analyses*. In: *Gender and the politics of history*. New York: Columbia University Press, 1988.

SEGALEN, Martine. *Ritos e rituais contemporâneos*. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*, 1º tomo. Tradução Jair Barbosa. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

SORLIN, Pierre. *Sociologia del cine. La apertura para la historia de mañana*. México: Fondo de Cultura Económica, 1985.

VIEIRA, Fátima. *The concept of utopia*. In: *The Cambridge Companion to Utopian Literature*. New York: Cambridge University Press, 2010.

WEBER, Max. *Ciência Política: Duas vocações*. 18 ed. São Paulo: Cultrix, 2011.

_____. *Economia e sociedade*. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 2004.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Rev. Estud. Fem.*, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 460 - 482, 2001.

WITTIG, Monique. *El pensamiento heterosexual, a propósito del contrato social*, In: *El pensamiento heterosexual y otros ensayos*. Madri: Egales, 2006.

FILMOGRAFIA

THE HANDMAID'S TALE. Produção: Daniel Wilson, Warren Littlefield, Fran Sears, Ilene Chaiken, Bruce Miller, Reed Morano. Estados Unidos (EUA): MGM Television, 2017, 1 Temporada.

LINKS

Classic FM. *The Handmaid's Tale music: How Adam Taylor composed the original theme tune for the hit Hulu show*. 2019. Disponível em: <<https://www.classicfm.com/music-news/the-handmaids-tale-soundtrack-adam-taylor/>>. Acesso: Março de 2020.